

Marcelo Correa Pires

# Memórias e Afetos do Projeto Master

relatos e resgate da Escola  
Pública de Mato Grosso do Sul  
(1989-1992)

Marcelo Correa Pires

MEMÓRIAS E AFETOS DO PROJETO MASTER:  
relatos e resgate da Escola Pública de Mato  
Grosso do Sul (1989-1992)



Marcelo Correa Pires

MEMÓRIAS E AFETOS DO PROJETO MASTER: relatos e  
resgate da Escola Pública de Mato Grosso do Sul (1989-  
1992)

Salvador, BA  
2022



Copyright © 2022 Marcelo Correa Pires  
Todos os direitos reservados

**Editor da obra**

César Augusto da Silva Azevedo

**Arte da capa**

Victoria E. S. Mendes

**Conselho Editorial:**

Adriano Pereira Jardim  
Alexsandra dos Santos Oliveira  
Eliana Mariel Diez de los Ríos  
Eliana Povoas P. Estrela Brito  
Elisa Ramalho Ortigão  
Elói Martins Senhoras  
Kiusam de Oliveira

Livia Santana e Sant'Anna Vaz  
Lúcia Gracia Ferreira Trindade  
Maria de Fátima Hanaque  
Rita de Cássia V. da Costa  
Sílvia Lúcia Lopes Benevides  
Sônia Guimarães  
Suely Dulce de Castilho

---

Marcelo Correa Pires. MEMÓRIAS E AFETOS DO PROJETO MASTER: relatos e resgate da Escola Pública de Mato Grosso do Sul (1989-1992). 1.ed. / Salvador: Editora Educação Transversal, 2022, 144 p.

ISBN: 978-65-87634-22-7

DOI: <https://doi.org/10.55470/editora.978-65-87634-22-7>

1. Educação. 2. Ciências Humanas. 3. Sociedade.

I. Título. II. Pires.

---

Todos os direitos desta edição reservados aos autores e organizadores. É expressamente proibida a reprodução desta obra para qualquer fim e por qualquer meio sem a devida autorização.

Obra fruto do Projeto de Pesquisa: **A GOVERNAMENTALIDADE NO PROJETO MASTER**

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

CAAE: 39344214.0.0000.0021

Parecer nº 1.083.872

"O novo não está no que é dito, mas  
no acontecimento de sua volta."  
(FOUCAULT, 2006, p. 26)

# SUMÁRIO

PREÂMBULO.....	7
ENTREVISTA SOBRE O PROJETO MASTER.....	11
PARTICIPANTES DO 1º WORKSHOP PROJETO MASTER .....	100
EPÍLOGO .....	143

## PREÂMBULO

Este estudo investigou os dispositivos discursivos sobre a escolarização da juventude sul-mato-grossense, do Ensino Médio, à época denominado Ensino de 2º Grau (Lei 7044/82 e Habilitações), no período compreendido, entre 1989 a 1992, tendo como lócus um projeto denominado - Projeto Master (Instituto de Educação de Campo Grande - IECG), a partir das análises que se pode realizar em documentos e nas entrevistas, tendo como foco a Governamentalidade, enquanto referencial teórico do trabalho.

Assim, uma vez que o recorte histórico para este trabalho, entre os anos de 1989 a 1992, quando funcionou em Campo Grande o referido Projeto investigado, foi necessário escavar (arqueologia é um método de pesquisa em Foucault) os discursos para conhecer as condições de possibilidades que permitiram o referido acontecimento na história da Educação no MS.

Com isso, durante as buscas em base de dados de bibliotecas virtuais e em web sites de instituições de



fomento, optando-se por realizá-los em relatórios de teses e dissertações, revistas e periódicos das seguintes bibliotecas: Biblioteca do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Sítio Scientific Electronic Library On Line-SciELO Brasil e na Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações (BDTD). O resultado foi que não se identificou registros de pesquisas que tratem diretamente do objeto selecionado - o Projeto Master.

Na sequência, foram feitas buscas em a fim de levantar dados bibliográficos, Também foram feitas diligências a órgãos estaduais, como a secretaria de Educação do estado (SED), o Conselho Estadual de Educação (CEE) e a Escola Estadual Hércules Maymone, em busca de documentos que registrassem o projeto, sua instauração, vigência e fechamento. Nenhum documento foi encontrado na SED e no CEE.

Porém, na Escola Estadual Hércules Maymone, foram encontrados a sindicância realizada após o

fechamento do IECG, o Regimento Interno e os decretos que envolveram a criação, a organização, vigência e encerramento do projeto.

Mas, para identificar os Egressos da Escola, foi fundamental a pesquisa nas redes sociais, para saber se havia algum grupo de amigos. Foi aí, que se descobriu no Orkut e Facebook um grupo de egressos do projeto com mais de 300 participantes. O contato com esse grupo possibilitou a realização de um workshop, marcado para ser realizado presencialmente na Escola Estadual Hercules Maymone, em que aconteceram várias entrevistas, colhendo relatos tanto de ex-alunos quanto de ex-funcionários. Esse encontro foi gravado e confeccionado um DVD com as imagens, sendo entregue um exemplar para cada participante.

É bom que se entenda que esse exercício de pesquisa faz parte do método de trabalho adotado por Michel Foucault, que tem por objetivo estabelecer diálogos entre a teoria e os artefatos acessados como dispositivos de análise, um exercício a partir de observações constituídas por meio de escavação em

arquivos.

Para Foucault, o arquivo é justamente o conjunto de ferramentas constituído pelos acontecimentos e enunciados num determinado período histórico, no caso específico desta pesquisa, os anos entre 1989 e 1992 - período de vigência do Projeto Master, lócus deste estudo. Todos os enunciados coletados nesses arquivos e que serviram de indício para análise do referido objeto, Foucault chama de artefatos -nomenclatura que deriva da antropologia e que denomina um objeto que fornece dados sobre uma cultura ou povo.

A partir dos dados coletados no workshop, consegue-se compreender os dispositivos utilizados pelos egressos na formação de seus projetos pessoais, as resistências, lutas e estratégias que os permitiram continuar com a formação adquirida no projeto, mesmo após seu fechamento, e quais as experiências que possibilitaram a seu acesso ao trabalho.

**Marcelo Correa Pires**  
Campo Grande - MS

**Entrevistado:** Valter Pereira de Oliveria - Ex-Secretário de Educação de Mato Grosso do Sul no período de 1987 a 1991

O objetivo fundamental do Projeto Máster era assegurar o acesso de estudante das escolas públicas as universidades públicas através de uma educação séria e suficiente de forma adequada como aqueles que frequentam uma escola particular, esse era uma dos objetivos. Outro objetivo central era estabelecer uma lente para enxergar as deficiências do seu público, de sorte a provocar uma política de capacitação de professores de acordo com as necessidades de cada escola. Então uma escola modelo trazia para dentro de si alunos de uma diversidade muito grande de escolas e comunidades, que acabavam trazendo para aquele que era um verdadeiro laboratório, as deficiências de cada escola. Então qual foi a estratégia adotada, essa escola modelo, seria um grande laboratório, que funcionava na Barão do Rio Branco, com laboratório de informática, física, química, biologia e tinha também um quadro de educadores escolhidos através de concursos interno, pois a rede estadual já tem os seus professores que são concursados, ou seja, acessam a escola pública por meio

de concurso, no entanto, além dessa seleção para a contratação desses professores eles eram submetidos a um concurso interno para aferir o desempenho que eles tiveram enquanto professor, a curiosidade que eles tinham ao desenvolver técnicas pedagógicas que fossem capazes de mexer com a educação na escola em que eles lecionavam e o compromisso que eles tinham com a educação, porque uma coisa é aquele que cumpre o dever a outra é aquele que tem compromisso maior que se envolve pensando, que se envolve criando novos métodos. Assim quando ele ia prestar a prova para ser admitido no Instituto de Educação de Campo Grande, tinha que se distinguir como educador que realmente se preocupa não só em cumprir suas tarefas, mas em oferecer novos subsídios para que a educação se desenvolvesse. Por isso, nos conseguimos então montar um quadro de professores de excelência, que tinha não só a titulação, mas que tinha, pós-graduação, participações em eventos educacionais e que tinha também desenvolvidos projetos em cada escola onde ele lecionava. Ou seja, nós dotamos a escola de um professor, de um educador de um padrão elevado para um projeto que se preferia que tivesse também uma potencialidade para mexer com a qualidade do ensino na Rede Estadual. Pois bem, pra você ter uma ideia a escola adotou um regime especial no funcionamento com os professores, pois eles recebiam por 44h/a por semana.

Nessa escola eles estavam na sala de aula a metade desse período e a outra metade era reservada para que eles produzissem o material didático e também o planejamento. Assim o que se via na escola, via o professor fazendo num período planejamento. Não era ficção era fato real o professor num determinado momento ia refletir sobre o que ele ia levar para a sala de aula, sobre as metas que deveria ser alcançada no dia-a-dia, na semana e no mês. Então era um projeto que o professor tinha metas seguras que ele tinha que respeitar. E quem era o aluno? Vinham exclusivamente da escola pública estadual. Só para você ter uma idéia da responsabilidade que nós encaramos o projeto, não havia na escola uma secretaria que cuidasse de matrículas, porque a partir do momento que você tivesse uma secretaria que cuidasse de matricula você estaria abrindo a possibilidade de que a escola viesse a receber alunos que não fazia parte do projeto. Quem eram os alunos que faziam parte do projeto? Aqueles alunos que eram avaliados durante o ano pela própria escola. Quero dizer que cada escola tinha um percentual de alunos que poderiam mandar para o Instituto, conforme a quantitativo de alunos de cada escola. Esse critério de seleção acaba democratizando por que ali você escolhia o aluno por um critério objetivo, não era uma prova só que fazia seleção, como nos testes que existem, mas um acompanhamento por parte da escola de um processo de

avaliação. Quem era o aluno da escola estadual? É o filho do marceneiro, o filho do pedreiro é o filho do comerciário, enfim, é o filho do trabalhador com o perfil do estudante carente, o estudante que não tem recursos para bancar uma escola privada. Ali estava o negro, o branco, o pardo e o índio, eram esses quem estava matriculado na escola, ate por que o aluno tinha que comprovar que ele era aluno regular da escola publica, não podia fazer a matricula para que ele fosse selecionado. Com isso nos selecionávamos os melhores alunos para uma escola que tinha os melhores professores com uma vantagem que era o seguinte, historicamente os gargalos que afetavam a escola pública naquela época, mormente o 2º grau era a dificuldade de contratar os professores na área de ciência, matemática, física, química, porem, essa escola acabava suprindo isso porque lá tinha o professor de matemática, com pós-graduação, o professor de física, e as demais ciências, não havia essa carência, com isso você estava capacitando o aluno para o ingresso no terceiro grau. A faixa de sucesso foi extraordinária, foi um caso atípico quase todo mundo entrou na faculdade, vez por outro eu encontro com aluno que era do instituto de educação que é medico outro que é dentista, farmacêutico, oficial da Policia Militar, oficial do Exercito. Então foi um projeto que efetivamente deu certo, mas só que o alcance dele maior é o que constituía o passo seguinte que ele poderia dar. Veja o seguinte,

cada escola tem uma certa autonomia didática e pedagógica, mas quando o aluno vai para uma faculdade, vai prestar um vestibular aí essa diversidade nem sempre o ajuda, então o que fazia o Instituto, que era a escola modelo, ao receber aluno de diferentes escola que seguia diferentes métodos, diferente didática, diferente formação pedagógica, esse aluno tinha que se adaptar a tal regime do Instituto de Educação e pra isso precisava aferir as deficiências que ele trazia, não só deficiência de matemática, física, química, biologia mas ele trazia também todas as deficiências. Então o que acontece, o Instituto de educação funcionava num período ministrando seu planejamento normal e no outro período era a administração do acervo que ele trouxe, das deficiências, então ele fazia uma adaptação ao mesmo tempo que ele estava ingressando numa escola que tinha uma metodologia própria ele também tinha que passar pelo treinamento pela superação da dificuldade que ele trouxe de lá, se ele trouxe dificuldade de matemática a preparação com o professor de matemática, se trazia uma deficiência de língua Portuguesa ele ia ser trabalhado para superar essa dificuldade como planejamento do Instituto como escola modelo. Este era o problema do aluno, mas tem o problema da educação, pois ao mesmo tempo que se fazia, que se oferecia ao aluno essa espécie de recuperação ou adaptação que seria a palavra mais adequada, ocorria um fato que era da mais alta relevância



para educação como um todo que era a radiografia do que estava acontecendo em cada escola. Por exemplo, se você pega uma escola da vila Moreninha pode ser que lá tenha um quadro muito bom de professores que resolve o problema da matemática, problema da Biologia, mas tem um professor de português lá que guarda deficiência antigas que não consegue passar então aquilo ali aparecia. Bom, a partir do momento que aparecia a deficiência do professor lá da vila Moreninha, por exemplo, isso nos dava a pista de como trabalhar a deficiência desse professor, se nos tivermos que oferecer um curso de pós-graduação já se sabia quais as deficiência de cada escola e o curso seria para resolver elas, tinha como organizar um planejamento para a organização dos professores que atua nessas escolas. Então o Instituto de educação não olhava só para o seu interior, ele olhava para o que estava acontecendo nas escolas. Na verdade, o Instituto de educação era apenas uma escola modelo, porque a partir do momento que você tem o diagnostico real, não um diagnostico politico, nem fantasioso, mas real do aluno, por exemplo, era trazido de cada escola 10 dos melhores alunos, melhores desempenho e eles trouxeram deficiência, e trouxeram por que elas existem lá, e se ela existe mesmo lá o que nos cumpre fazer é adotar uma politica de resgate daquilo que está desfalcando lá. O Instituto tinha essa ação externa que era o objetivo fundamental, e a partir daí você

tinha como ir expandindo o projeto, pois você ia descobrindo as condições que vão se criando em diversas áreas, ao suprir a dificuldade você estaria ampliando, pois a ideia era ter uma escola modelo e depois ir ampliando o projeto para outras escolas. Ela sempre seria o laboratório, só que ela tinha o efeito multiplicador. Veja que, por exemplo, um acadêmico de física, química, e até matemática que entra em uma universidade Pública geralmente não procurava a licenciatura devido às condições que ele encontrava na escola pública. Porém se nós desenvolvêssemos uma política de acesso, de prestígio da escola pública nós íamos ter essa mão de obra produzindo o projeto para o próprio setor público, quer dizer que aquele sujeito que passou pelo Instituto de Educação e que o conhece, seria um professor, e então multiplicaria. Aí o projeto começou a funcionar muito bem. Eu vou te falar uma coisa eu tenho mais de quarenta anos de vida pública, fui vereador pela primeira vez em 1972, eu vou te falar uma coisa, a maior emoção que eu tive nesse período todinho de vida pública foi que eu entrei no Instituto de Educação, passado uns 3 meses de funcionamento da escola, quando eu entrei na escola para fazer um visita, meu método era visitar sem avisar, para que me recebesse do jeito que sempre acontecia por lá, para ninguém enfeitar a escola por que o secretario vai chegar, percebi que a escola não tinha nem um ruído a não ser do professor ou do aluno questionando o

professor, uma coisa fantástica, as portas estavam abertas mais ninguém saía, ninguém fazia algazarra, ninguém conversava, parecia uma escola de outro mundo, porque você percebia que aula era diferente de tudo aquilo que a gente ver na educação. Então você vê que foi um projeto reservado para melhorar a qualidade de ensino da rede pública. Um projeto como esse naquela ocasião, o objetivo que nós tínhamos e a visão que nos tínhamos era o problema da escola pública, naquela época não se discutia cotas, as cotas vieram bem depois, não se discutia exames de Enem, nem nada, mas nós estávamos estabelecendo um tipo de política de inclusão não só de negros, mais do pobre, porque a discriminação se dá em relação ao pobre não importa se ele é negro, índio ou branco, é preciso dar oportunidade para o pobre, dar uma escola boa pra o pobre, e a escola publica não era e não é boa. Se fizer o tipo de enfrentamento que nós estávamos fazendo no Instituto não precisa de cota. Esse projeto foi criado como um embrião que tinha que ter tido um tempo de duração, um prosseguimento, mas o que aconteceu, havia um questionamento que o projeto Máster é discriminatório porque ele pinça só os melhores alunos, quer dizer as pessoas diziam que ele era seletivo. Eu nunca vi um despautério tão grande, pois se você está investindo na qualidade da escola publica, na qualidade do ensino público, onde que está à discriminação, não existe discriminação. A discriminação é você manter a

escola pública em uma situação de má qualidade para que esses alunos sejam compelidos a concorrer como outros que frequentam uma escola privada de boa qualidade, aí que está a discriminação, essa concorrência desleal. O objetivo era que o projeto não se esgotasse com aquele grupo de alunos, ele focava a educação pública como um todo. Então essa sustentação era uma sustentação completamente equivocada. Havia também essa falta de visão quanto à seleção, pois no mundo em tudo o que você vai fazer, vai enfrentar seleção, pois se você estudou em uma escola pública de qualidade ou em uma escola particular, ao enfrentar o vestibular vai passar por um processo de seleção. E após terminar sua graduação você vai ter que enfrentar a concorrência para exercer sua profissão. É uma tolice que não tem tamanho, essa ideia que a escola pública tem que ser todas do mesmo padrão, na verdade, a qualidade do ensino tinha que ser do mesmo padrão, e isso só vai acontecer se houver um projeto que trabalhe com a realidade que é vivida no dia a dia da escola. Essa crítica aconteceu desde o início. Você nota que hoje há um projeto do MEC de aferir a qualidade da escola pública mais eu entendo que o nosso projeto é muito mais avançado que o deles. Após entrar a nova Secretaria de Educação, que era da área de educação e eu não era, ela entra com a ideia que era discriminatória, embora não fosse do ponto de vista social era do ponto de vista intelectual, então ela acabou com o

projeto. O Governo que assumiu era de outro partido, outra corrente que era refrataria ao projeto, secou a fonte e acabou o projeto, sendo abortado precocemente antes de maturar. Infelizmente na educação tem muitos projetos que começam e não terminam. Daí a nossa pressa em implantar com uma certa rapidez, para que ele, dando os bons resultados, prosperasse. E ele deu resultado logo no primeiro ano. O projeto precisava ter recebido a atenção do governador, o governante precisava acreditar que era um bom projeto, mas eu não vejo no mundo político uma vontade de mudar a educação, e vejo dentro da estrutura educacional um corporativismo que tem medo de uma mudança mais profunda, pois uma educação de qualidade amedronta políticos e até educadores. Com o Máster, nas escolas já estavam acontecendo mudanças porque veja o que é a ironia do destino, aqueles mesmos que apontavam a seleção como um processo excludente, lá dentro da escola, como era um numero determinado reservado para cada escola havia uma competição interna entre os professores para produzir mais e já estava ocorrendo um movimento dentro de cada escola no sentido de capacitar melhor os alunos para que eles fossem selecionados. No primeiro ano, então ela já estava operando fora do Instituto de Educação, que era o objetivo inicial. Infelizmente os projetos quando muda governo, muda a filosofia toda, mudas as prioridades, mas a escola pública

é viável só que é preciso que os projetos que dão certo sejam maturados, não pode um governo impedir um projeto que tem um período de elaboração, de implantação e precisa ter um período de maturação. Então na educação é muito comum interromper projetos relevantes, tanto governos quanto cooperação não tem muito interesse, com um misto de medo e às vezes um pouquinho de desconfiança. O novo sempre gera desconfiança.

**Entrevistado:** Professora  
Mestra Aureotilde Monteiro -  
Diretora de Desenvolvimento  
Educativo do Instituto de  
Educação de Campo Grande

Cada escola seria um Núcleo do Projeto, assim você não tiraria o aluno lá do seu ambiente, ele como trabalhador sairia do seu local de trabalho e iria para um local próximo de sua casa. Com isso se mapearia todas as escolas e elas seriam polos do grande projeto para fazer esse tipo de trabalho. A organização deveria ser composta por teatro, espaço físico adequado, laboratórios, etc. Além disso, como forma de consideração do professor, haveria reuniões pedagógicas, a fim de construir a proposta pela própria escola. Os resultados comprovaram que houve uma projeção dos alunos que participaram do Máster, uma vez que muitos deles foram para as universidades públicas, pois o projeto visava à formação integral do sujeito, formação básica de ensino dando condição para o trabalho, como também uma formação numa perspectiva política. Hoje essa proposta já está institucionalizada, como se vê na proposta das escolas de tempo Integral, mas não é cumprida por que não há competência política nem pedagógica, pois as propostas pedagógicas não são construídas, mas pacotes prontos

comprado de alguém, e o Máster não foi pacote comprado de ninguém, não foi modelo do Rio ou São Paulo, mas foi construído por professores daqui.



**Entrevistado:** C.A – Pedagoga – segunda Diretora do Instituto de Educação de Campo Grande.

Particpei do projeto desde a sua criação até a extinção, infelizmente. O projeto era lindo, os professores todos tinham contrato ou concurso de quarenta horas semanais e dedicavam um período em sala e outro estudando e pesquisando para melhorar sua prática, com a supervisão dos Coordenadores Pedagógicos que era por área e geralmente um professor devidamente qualificado para a função. Os alunos tinham um quadro curricular ampliado, com aulas práticas e pesquisas obrigatórias para garantir sua aprendizagem, sempre voltada para o ensino superior, principalmente, nas questões de vestibular. A turma era selecionada nas escolas do ensino médio público e tinha que ter média mínima de sete para concorrer à vaga no projeto. Foi um sonho que infelizmente só uma turma aproveitou porque a secretaria de educação não se empenhou em mantê-lo e deixou que a politicagem acabasse com todo o trabalho elaborado por um grupo de educadores sonhadores da época, com apoio da Secretaria. Tenho certeza que se tivesse continuado o ensino estaria muito melhor, pois o objetivo era ampliar as vagas cada vez mais e qualificar

professores e alunos da Rede Pública.

Fiquei respondendo pela direção da Escola em seu primeiro ano de funcionamento no prédio da missão salesiana na rua Barão do Rio Branco, nos três turnos, num ambiente agradável e de harmonia de equipe, que infelizmente não durou muito e começou por indicar alguém para a direção (Secretaria de Educação do Estado) que não acreditava no projeto, mas era do partido da gestão. Tenho saudades daquela época, principalmente, quando encontro os ex-alunos que passaram todos no vestibular, incluindo os alunos do curso de enfermagem que na época foi transferido para o Máster e depois Hercules, hoje desativado. É inaceitável a Secretaria de Educação dizer para você que não há registro do projeto, cadê a responsabilidade da história da escola.

**Entrevistado:** S. V. P. –  
Professor de Física – D (2) –  
terceiro Diretor do Instituto de  
Educação de Campo Grande

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Eu entrei no Instituto de Educação de Campo Grande em 1990, no segundo ano de funcionamento na época que eu entrei, tanto nós professores quanto os alunos que estudavam éramos selecionados, no caso dos professores além da prova tinha uma aula magna, nós tínhamos que escolher um tema e expor uma aula para os coordenadores, e aí eles faziam algumas observações, e aí eles se reunião e chegavam a um veredito. Foi um projeto muito bom por vários motivos, primeiro nós professores éramos contratados por dois períodos mas nós efetivamente trabalhávamos em sala de aula um único período e o outro período ele era exclusivamente para planejamento e nós tínhamos planejamento todos os dias, cada aula, cada ação, cada etapa que era desenvolvida no projeto Máster era planejada com muita antecedência e muito bem planejado. Cada aula que ia trabalhar eu sentava com o coordenador e planejava a aula. Nós tínhamos seis coordenadores de aulas e um coordenador geral. O Projeto Máster funcionou muito

bem até metade do quarto ano de funcionamento. Eu fiz a mudança do prédio da Barão para a rua Ceará, no final de 1991, pois entregaram o prédio em dezembro de 1991 e em janeiro 1992 começamos as atividades. Inclusive não cumpriram com o que haviam prometido, pois inicialmente o prédio havia sido construído para atender o Projeto Máster, o prédio inteiro, mas o projeto sofreu modificações e então a Secretaria de Educação pegou metade do prédio para abrigar o Núcleo de Tecnologia educacional e o Núcleo de Escola Recolhida, nos lugares que seriam utilizados para laboratórios, de física, química, Biologia. A própria arquitetura da sala chamava a atenção, pois eram pequenas, pois a ideia era que tivesse no máximo 15 alunos em cada sala, mas isso também foi desmantelado com aquele discurso de que a escola tem que ser democrática, a escola não tem que fechar as portas pra ninguém, o projeto começou a ser desmantelado. Os próprios professores da rede estadual nos chamavam de elitista, os professores que dava aula no Projeto Máster era mau visto por colegas da rede estadual, pois era considerado uma espécie de privilegiado. A ideia nunca foi ser elitista, pois o objetivo era que os professores que estavam no Instituto se tornassem capacitadores, ocupando quadros inclusive na Secretaria de Educação para o desenvolvimento de toda a rede estadual de ensino. A idéia por trás de todo esse sistema era a meritocracia, ocupa o lugar quem faz por

merecer. Eu sou formado em física pela UFMS, e no final de 1989 saiu edital para professor e eu passei em primeiro lugar, e mesmo passado no concurso em fui entrevistado e tive dar uma aula.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Quando entrou o governo de Pedro Pedrossian um dos primeiros atos da nova Secretaria de Educação foi desmantelar o projeto. Ela chegou até a publicar um ato de extinção do Projeto Máster, porém o decreto que foi publicado teve que ser retirado, revogado, pois nós tínhamos autorização do Conselho Estadual de Educação para funcionar pelo menos 3 anos. Já na posse, já nos primeiros dias de governo nós já sentimos que não teria apoio nenhum, não teríamos condições para continuar o projeto. Então eu fui o terceiro diretor, duas nomeadas pelo governo, e quando assumiu a professora Leocádia foi instituída a eleição direta para diretor, adequando a esse novo processo. Um dos primeiros impactos que a gente teve foi o desmantelamento da estrutura dos coordenadores, pois pela quantidade dos alunos que a escola possuía nós só podíamos ter no máximo três coordenadores, um por turno, então foi excluído quatro

coordenadores, não teria também o diretor adjunto. Em 1992 quando começamos no prédio novo, eu fui obrigado, sob ameaça de sofrer processo por discriminação, eu fui ameaçado pela Secretaria de Educação se eu não modificasse a forma de ingresso de alunos no Hércules Maymone, eu seria processado, então eu tive que extinguir a seleção de alunos, e então foi modificado a forma de ingresso de alunos no antigo Instituto, não havia mais possibilidade de irmos as escolas e selecionar os alunos. Chegamos a ir atrás do antigo Secretário de Educação, Dr Valter Pereira, que foi quem criou ou institucionalizou o Projeto Máster, procuramos-vos em comissão, entretanto mesmo ele tentando contatos para segurar o Projeto não foi possível. Então a idéia por trás do Projeto Máster era a meritocracia, nós queríamos ter uma escola onde os melhores alunos encontrassem condições de se desenvolver, criando um centro de excelência, uma escola modelo, onde os alunos que tivessem mérito tivesse condição de deslanchar desenvolver. Eu trabalhava como contratado no Joaquim Murtinho e ouvi muitos comentários entre os professores sobre o projeto Máster, de que ele surgiu na hora errada apesar do momento político, pois ele deveria ser criado no começo do mandato, pois o governo sofria muito desgaste , principalmente por atrasos salariais. Porém, a idéia dos criadores era realmente criar uma escola modelo, que servisse para alavancar a Educação,

inicialmente em Campo Grande, e se desse certo espalharia para toda a rede de ensino. Infelizmente houve uma visão mesquinha que pensava que se o projeto desse certo, eu que sou a atual Secretaria não colheria os louros, não seria uma obra minha. Se eu desse apoio e o projeto desse certo os dividendos políticos não seria capitalizados para mim, mas para o meu adversário. Então o que foi possível fazer para dismantelar o projeto foi feito, nós deixamos de receber material de consumo, e quantas vezes eu tive que bancar a máquina de Xerox do meu próprio bolso, por que? Porque eu queria que o projeto desse certo, até onde foi possível. Eu pedi para me retirar após 1 ano e meio, não cumprindo o mandato que seria de três anos. Enfim fizeram de tudo para que não desse certo, já que não era possível extingui-lo vamos adequar, vamos transformar uma escola normal.

**Entrevistado:** V. C. P. –  
Professora aposentada da  
Rede Estadual – P (1) Ex-  
Professora do projeto.

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Eu entrei no Projeto Máster no seu início, ele funcionava na Rua Barão do Rio Branco ao lado do antigo Museu do Índio, o Prédio era alugado, pertence, eu acho que até hoje, a missão Salesiana. Os alunos eram enviados das escolas Estaduais se eu não estiver enganada os 8 melhores que terminavam o 1º grau, ou seja, a antiga 8ª série. Era uma seleção séria, não tinha "padrinhos", a escolha era realmente através de notas. Nós trabalhávamos por áreas: Exatas, Estudos sociais, Línguas (Português, Inglês e Espanhol). Cada área tinha um coordenador onde nos reuníamos uma vez por semana para fazer o planejamento, e tínhamos o coordenador geral que era o professor Antônio, que era chamado, conhecido como "Mestre Antonio". Desculpe estou respondendo as duas perguntas numa só. Ele era chamado de Mestre, porque era o único que tinha Mestrado, coisa rara, digamos pra época, isso aconteceu se eu não estiver enganada no ano de 89. Tínhamos



professor com carga horária de 44hs aula e de 22hs aula. No meu caso eu tinha 22hs, Eu trabalhava 12hs aula em sala e planejava 10hs aula no período contrário. Ministrava as aulas pela manhã e o planejamento era feito no período da tarde. Quem tinha 44hs aula ministrava 24hs e planejava 20hs. Além do planejamento que fazíamos por área, uma vez por mês nos reuníamos todos os professores dos três turnos com os coordenadores de área e o coordenador geral, esse encontro sempre era aos sábados, isso quando entramos lá já foi combinado então não tinha desculpa de que vc não poderia ir, ou que tinha compromissos, aula em outra escola ou coisa parecida. E se houvesse algum problema urgente às vezes era marcada uma reunião extra, dependendo da necessidade do problema. Foi um período muito bom em todos os sentidos, a escola não parecia escola, no intervalo vc andava pelos corredores, era o maior silêncio, os alunos sempre com apostilas nas mãos estudando, correndo atrás dos professores para tirar dúvidas. Quando me refiro ao silêncio, não pelo silêncio tranquilidade, e sim pelo interesse dos alunos em estudar, aprender, era uma coisa que eu nunca tinha visto antes e depois, nunca voltei a presenciar a mesma cena. Eles sabiam que eles estavam ali porque eram os melhores, e não podiam deixar a peteca cair, Eu saí em 93, o ano em que minha filha nasceu, não sei te informar porcentagem até porque já se vão 19 anos, me lembro que o índice de

aprovação no vestibular foi bem alto. Mas... como sempre, tudo que envolve política, as coisas mudam, infelizmente pra pior. O Projeto Máster foi um sonho e uma conquista do Deputado Walter Pereira, costumávamos brincar que ele era o pai da criança, e na mudança política não me recordo se ele perdeu, ou se quem ganhou não era do partido dele, a 1ª coisa que foi feita foi cortar, as horas atividades diferenciadas que tínhamos em relação, as demais escolas, até porque a cobrança dos colegas era muito grande, que nos professores do Projeto Máster, éramos elite, não trabalhávamos e ganhávamos o mesmo que eles, enfim, fofocas, cobranças, etc. Só que eles não sabiam o tanto que nos éramos cobrados, vigiados e trabalhávamos, há um detalhe, nos elaborávamos as apostilas para os alunos, eles não utilizavam livros, tudo isso dentro da hora atividade, ou seja do planejamento. O nosso próprio sindicato ACP (Associação Campograndense de Professores), que não deveria ser partidário, sempre foi e é, em vez de ajudar também em nada colaborou.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Depois com a saída do Deputado Walter Pereira, começou a faltar material para xerox, que era

praticamente um dos nossos principais instrumentos de trabalho, mudou a direção, por questões políticas, aí a coisa começou a despencar. Em 93 viemos para o prédio novo onde é hoje o "Hércules Maymone", desculpe viemos no final de 92, estou confundido, como o projeto praticamente já não existia, já tinha se tornado uma escola normal como as outras, o único diferencial e que só tinha Ensino Médio, e com o nascimento da minha filha surgiu uma vaga perto da minha residência, não tive dúvida, quando terminou minha licença maternidade já fui pra outra escola próxima de casa, se tudo fosse com antes compensava continuar lá mesmo com a distância, só que da forma que estava, não valia a pena atravessar a cidade para trabalhar numa escola como as outras. Estou me referindo ao Deputado Walter Pereira, porque realmente ele era o autor do Projeto, não estou fazendo propaganda da pessoa dele, por sinal nunca vi. Da forma como me referi várias vezes pode dar impressão de política. Tinha muita política por trás só que na época eu era nova no magistério e também de idade, eu procurava ficar no meu canto, tipo fazer meu serviço e não me envolver, talvez se fosse alguns anos prá frente com mas experiência e tempo de serviço eu teria me inteirado dos fatos e até brigado por eles, que é bem minha cara, só que quando vc está em começo de carreira recém concursada, estágio probatório, e diferente.

**Entrevistado:** L. A. G. – P (2)  
Professor de História do IECG

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Particpei o projeto Máster desde o seu início no governo de Marcelo Miranda até o seu término no Governo de Pedro Pedrossian. Quando começou o projeto, eu havia iniciado minha carreira como professor de história, em termos profissionais foi excelente por que pude compartilhar com professores já experientes de uma experiência inédita no Ensino de Mato Grosso do Sul. Naquele momento todos os docentes estavam comprometidos com o projeto para que realmente fosse um diferencial na história da educação de Mato Grosso do Sul. Na prática, havia uma dedicação do professores em estudar, compartilhar experiências, preparar aulas diferenciadas. O projeto era interessante, o professor era valorizado e tinha espaço para estudo, planejamento e dedicação exclusiva para escola. Das 44 h/a, 22h/a eram dedicadas a esses momentos de estudo. O Estado oferecia todas as possibilidades para que o professor planejasse e organizasse material para os alunos. Os alunos eram selecionados para a Escola e o interesse e compromisso eram patamares da escola.

Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?

Não houve continuação porque o projeto era do Governo Marcelo Miranda e quando trocou de governo e o Estado passou a ser governado por Pedro Pedrossian a equipe da SED que entrou para gestão na educação começou a mudar detalhes do projeto que eram fundamentais pra que houvesse continuidade. Houve mudanças na coordenação pedagógica que até então era por área, havia um coordenador pedagógico geral e o cargo foi extinto. Diminui-se as horas aula atividades do professor, o Estado não bancou mais as apostilas dos alunos, que eram elaboradas pelos professores, aumentou-se demais o numero de alunos e conseqüentemente o de professores provocando um inchaço na escola, o que dificultou a organização pedagógica, entrou professores descomprometidos e que não passaram por entrevistas e não foram selecionados, os alunos também não tiveram mais seleção rigorosa. Conclusão mudou toda estrutura do projeto e o projeto foi entrando em colapso, até que chegou a ser inviável para o Estado.

**Entrevistado: N. C – P (3) –  
Professor de Biologia.**

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

A minha participação se deu em dois momentos. O primeiro foi quando soube da existência de uma escola pública que estava sendo criada para oportunizar aos alunos da rede pública oportunidade de um ensino que com objetivo do ingresso no ensino superior. Soube através dos alunos do Maria Constança Barbosa onde trabalhava, já que senti falta dos melhores alunos da sala e fui informado que estavam indo para essa nova escola. Então fui me informar que escola era essa e acabei me interessando pelo projeto e passei por um processo de seleção com entrevista com a equipe da Secretaria de Educação. No segundo momento, foi já na direção eleita pela comunidade, onde pude contribuir e aprender a prática de uma gestão democrática.

**Em relação à formação oferecida, em que medida foi importante na decisão em sua profissão ou formação para o trabalho?**

Um dos fatores marcante no Projeto Master foi a equipe de pedagogos que coordenava as áreas de

conhecimentos, onde tempo disponível para todos os professores que era de 50% de sua carga horária para planejamento, permitia a toda equipe um tempo de estudo que não tínhamos em nenhuma outra escola. Todo esse estudo era feito pelo coordenador geral, o pedagogo e professor, hoje provavelmente doutor, Antonio José Filho a quem liderou esses momentos marcantes para a nossa vida profissional. Nesse momento podemos estudar vários autores como Libâneo, Dermeval Saviani e as tendências pedagógicas dos mais variados autores, só para citar alguns exemplos. Foi um período de muitos estudos e crescimento profissional.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Como tudo no Brasil, não temos um projeto de Estado e sim de Governo, e como todo governo, tem um tempo de validade, o Projeto Master tinha o total apoio do Secretario Valter no Governo de Marcelo Miranda na época. O sucesso da Escola fez com que o governo tentasse cunhar e pecha de "Marcelão" inclusive com a promessa de construir mais uma unidade no interior, mas com nossa atuação organizada impedir a mudança do nome que a própria imprensa local tentava carimbar, e continuar com o nome Master. Após a mudança do

governo e com a chegada de Aleixo Paraguassu, na secretaria de Educação começou a investida de acabar com o projeto. Nessa época já estava na Direção da escola eleito e reeleito e passei por várias sindicâncias e houve sempre uma decisão favorável a mim, visto que as irregularidades apontadas não era pela ação deliberada da direção e sim falta de funcionários para executar as mais diversas tarefas que eram exigidas.

**Baseado nas suas experiências quais os mecanismos desenvolvidos a partir do projeto foram estratégicos para que você construísse ou utilizasse para dar sentido a suas práticas sociais?**

Um dos fatores diferenciado nesse Projeto chamado Master foi a forma de seleção de alunos e professores para o ingresso na Escola. Tínhamos algo em comum, nós queríamos estar ali participando e construindo e levando à prática o Projeto Master. Esse Projeto foi colocado pra nós pelo então Secretário de Educação Valter Pereira, um político muito conhecido no Estado e que tinha uma postura democrática. Não posso afirmar se o Projeto Master foi construído de acordo com seus interesses mas posso afirmar que por algum tempo, o Projeto Master adquiriu vida própria e caminhou quase que com as próprias pernas principalmente no aspecto político e pedagógico. Em função dessa identidade existente entre professores a alunos podemos então construir as



instâncias de organização que pudessem executar as diversas atividades a serem desenvolvidas na escola. Então tínhamos um Clube de Ciências que era eleita em chapa pelos alunos e a direção ficava encarregada de desenvolver as atividades científicas e culturais da escola. Tínhamos também o Grêmio Estudantil que também era eleita havendo até disputa de chapa e a direção eleita era encarregada em levar a luta política dos estudantes e suas reivindicações. A associação de panão recebiam qualquer ajuda financeira do poder público. Tínhamos também o Conselho Escolar onde havia representantes de professores, pais, funcionários e estudantes que funcionava regularmente e era a instância máxima de representação e deliberação da comunidade escolar.

### **Quais as intervenções que você acha que deveriam ter sido feitas para assegurar a continuação do Instituto de Educação de Campo Grande?**

A mudança de governo, a forma de acesso de alunos e professores para o ingresso na Escola Master, fez com que sua identidade fosse afetada. A partir daí tornou-se uma presa fácil para os técnicos da Secretaria de Educação que eram contra o Projeto Master, investir para o seu fim. O fim do tempo de 50% de planejamento para os professores, por exemplo, interferiu no nível de comprometimento dos profissionais que chegaram depois, com a proposta da escola, já que não se

diferenciava mais das outras. Os alunos não eram mais indicados pela Escolas de origem e sim através de sorteio. A maior intervenção que poderia ter sido feita seria a mobilização da comunidade escolar em defesa da Escola, mas em função dessas mudanças e a luta política que passou a existir na escola, foi enfraquecendo e permitindo assim que o projeto acabasse sem grandes resistências daqueles que ainda trabalhavam na Escola do qual me afastei em definitivo a partir de 1998. Isso foi o que pude resumir, nesse momento já que foi uma experiência marcante a vida de todos que viveram essa escola do seu período inicial até 1996.

**Entrevistado:** S. C. – A (1) - Pedagoga, Coordenadora da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande (REME) – Ex-aluna.

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

O período em que estive no Instituto de Educação de Campo Grande - Projeto Máster foi muito especial. Neste tive a oportunidade de conhecer alunos/amigos de diversas partes de CG, pois o projeto tinha o intuito de juntar em uma escola de nível médio alunos com boas notas oriundos de diversas escolas públicas da nossa cidade. As aulas eram no período integral. Inglês ou Espanhol, Educação Física, reforço com agendamento e atividades extras, como coral e teatro. Dizer de forma resumida o que este período teve de contribuição para a minha formação pessoal e profissional: é TUDO. Tenho amigos que até hoje frequentam minha casa, sou pedagoga pelo orgulho que tive de ter ótimos profissionais como mestres na época do Máster e sentir vontade de contribuir para a educação assim como eles fizeram conosco. A amizade que carregamos no coração daquele grupo tão unido, tão importante para formação pessoal do adolescente, temos o orgulho de honrarmos

até hj. To escrevendo por partes. (risos) A vaga foi através de uma seleção na escola estadual em que eu estudava. As melhores notas ganhavam a vaga. Eram poucas as chances, mas eu e um grupo de amigos nos destacamos na 8a série e conseguimos.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Acredito que não houve continuação por motivos políticos e financeiros. Uma escola de período integral, com professores recebendo para trabalhar um período e planejar em outro é algo custoso para o governo. Não há uma valorização do profissional da educação como esperamos. É um sonho termos esta oportunidade e lutar por ela deve ser uma realidade. Naquela época essa educação diferenciada foi mega importante. Temos alunos formados em diversas áreas do conhecimento e alguns até com duas graduações diferentes. Éramos uma elite de estudantes. Tínhamos ótimos professores tb. Penso se hj com mais acesso a informação, mais competitividade tivéssemos uma escola assim formaríamos um contingente de intelectuais oriundos de escola pública. E isso seria algo muito bom para a sociedade. Creio eu... Marcelo, espero ter contribuído um pouco com vc. É uma satisfação ter alguém envolvido

*Marcelo Correa Pires*

num trabalho que mexe com a nossa vida.

**Entrevistado:** D. P. – A (2) -  
Publicitária – Ex-aluno.

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Olá, estudei no colégio master, nos anos 90 / 91, cursei o primeiro e segundo ano do ensino médio. Na minha opinião o colégio era muito bom, com professores capacitados, ensino de qualidade, atendendo sempre as necessidades dos alunos. Na época, foram selecionados alunos de escolas estaduais, com boas notas, para participarem do projeto. Foi muito gratificante participar do master, e fazer parte dessa escola tão conceituada. Infelizmente não tenho nenhum documento relacionado ao projeto e também não faço idéia do motivo que levou seu fim.

**Entrevistado: E. M. V. – A(3) -  
Bancária – Ex-aluna.**

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Era aluna. Fui vice-presidente do grêmio e participei do Clube de ciências. Quando entrei, houve uma seleção entre os alunos da escola de origem e parece que um concurso específico para escolher os professores. Isto, na minha opinião, já estabelecia uma qualidade no processo ensino-aprendizagem. A escola funcionava quase que no período integral e havia biblioteca, laboratório, oficinas de arte, música e teatro. Havia, também, um clima de liberdade entre os alunos e uma preocupação com as humanidades, com o transformar adolescentes em bons cidadãos. Éramos politizados. A qualidade no ensino fez com que a maioria da minha turma passasse no vestibular sem precisar de cursinho;

**Em relação à formação oferecida, em que medida foi importante na decisão em sua profissão ou formação para o trabalho?**

A escola oferecia um ambiente de debates, interação com a sociedade, democracia e decisões tomadas com consenso. Essa experiência foi muito importante na minha formação para o trabalho, especialmente porque meu

trabalho depende de interação com equipes, respeito pelo próximo. Atuo no segmento econômico- financeiro ( banco ) e, por vezes, resgato esse sentimento da época e não permito que a frieza do “débito e crédito” torne o meu dia pesado

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Acabou porque alguém argumentou que o ensino público não poderia ser elitizado (éramos uma elite de estudantes?) e, como seria impossível estender a mesma qualidade a todos os estudantes da rede pública, foi preciso acabar com o projeto. Juntando a isto, a falta de vontade política. É minha opinião.

**Baseado nas suas experiências quais os mecanismos desenvolvidos a partir do projeto foram estratégicos para que você construísse ou utilizasse para dar sentido a suas práticas sociais?**

O ambiente interativo, multidisciplinar, libertário, ao contrário do que muitos podem pensar, propiciou uma noção de respeito pelos professores, funcionários, colegas e toda a sociedade. O conhecimento teórico ficou de alguma forma nas nossas vidas, mas a cultura desenvolvida naquela escola é o que me faz valorizar o ser



humano, sentir-me livre para expressar minhas opiniões, sem desrespeito, sem ofensas. Não era um conto de fadas, tínhamos avaliações, tínhamos cobranças, prazos para cumprir, responsabilidades. Mas não era um fardo. Tento aplicar esses mecanismos na minha vida familiar, corporativa e social e acredito, cada vez mais, que é o caminho para uma vida mais eficiente, com melhores resultados e mais feliz.

**Quais as intervenções que você acha que deveriam ter sido feitas para assegurar a continuação do Instituto de Educação de Campo Grande?**

Pelo que sei o projeto acabou por falta de interesse político e alegação de que o ensino público não poderia ser elitizado. Concordo que a qualidade deveria ser estendida a todos, mas não creio que tirar as oportunidades de alguns tenha melhorado a qualidade de ensino das outras escolas. Não conheço os aspectos legais para afirmar que apenas vontade política resolvesse o caso, mas na minha opinião foi isso que faltou.

**Entrevistado:** G. A. S. – A (4) -  
Empresário do Setor Ambiental  
– Ex-aluno.

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

O período que estive no Máster influenciou toda minha vida, seja nos aspectos profissionais, políticos e nos relacionamentos (amizades); No Máster iniciei uma militância no Grêmio estudantil onde fui diretor, posteriormente entrei em um partido político o PC do B onde fui dirigente por quase 10 anos, quanto a minha carreira acadêmica fui aprovado no vestibular de economia na UFMS e de Engenharia de produção na Anhanguera ambos os cursos fiz por apenas 3 anos; posteriormente fui diretor de empresas públicas e a 7 anos sou empresário do setor Ambiental. Acredito que minhas conquistas são frutos dos amigos que fiz e do rumo que minha vida tomou a partir do projeto Máster.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

O então governador Marcelo Miranda teve um fim de

mandato muito desgastante, inclusive com a Governadoria sendo ocupada pela sociedade civil; esses fatores de desgaste político mais o fato do projeto ter um caráter relativamente seletivo, considerando que ingressavam no Máster teoricamente, os melhor alunos da escola pública e tínhamos uma proposta pedagógica diferenciada ( você pode falar com o Mestre Antônio a respeito) esses fatores então não foram fortes o bastante para sensibilizar as autoridades a manterem o Projeto.

**Entrevistado:** C. C. M. A. – A (5)  
- participou como aluno de 1991 a 1993 e em 1994 atuou como professor.

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Tenho muitas observações sobre o Projeto, tanto como aluno (produto do Projeto Máster), como quanto profissional da Educação, admirador da organização e da estrutura do Projeto, primeiramente, se voltarmos um pouco ao passado lembraremos que estamos falando de um período em que somente escolas particulares aprovavam alunos em universidade e os poucos alunos de escolas públicas que passavam no vestibular iam pra faculdades particulares. Bem neste caso, minha turma de 93 tinha 32 alunos, dos quais ocorreram 35 aprovações em cursos superiores, ou seja, tecnicamente toda a turma fora aprovada, com raras situações de alunos que vieram a cursar a faculdade anos depois, ainda assim, os que foram aprovados tiveram sua aprovação em 2, 3 instituições de ensino superior, no meu caso foram 3 aprovações: UFMS, UCDB - na época ainda FUCMAT, e UNIDERP, na época ainda CESUP. O projeto me auxiliou muito na minha organização de autonomia, responsabilidade, e direcionamento profissional, não

precisamos fazer cursinho para o vestibular o tipo de ensino era suficiente. Tipo de ensino sim, pois as salas estavam sempre de portas abertas, Assim os alunos que não queriam assistir aulas, estavam livres para o pátio ainda assim, o pátio ficava praticamente vazio, apenas com alunos contra turnos. Outro diferencial foram os incentivos na formação sócio-política dos alunos com atividades relativas ao grêmio Máster e ao Clube de ciências alquimia, da qual tive a honra de participar de ambos, no grêmio como secretário, e no clube alquimia como coordenador de Biologia, o que me Deu total incentivo para dar continuação a minha formação profissional em Biologia. O Projeto ainda incentivava as formações culturais, basta dizer que do laboratório de teatro, temos hoje grandes artistas regionais que vieram do laboratório do Máster com Maria Noemyah - Diretora de Teatro, Rane Abreu - Atriz, entre diversos outros. O Curso ainda era capaz de aprovar alunos no curso de Medicina e Direito, não ficava apenas em cursos medianos. Temos hoje grandes advogados oriundos do Projeto e também mestres de diversas faculdades. O Máster mudou e marcou a minha vida profundamente, devo a ela a minha formação pessoa, profissional, educacional e moral.

Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos

**problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Interesses Políticos distorcidos da época, por ter um leque de pessoas ativas partidariamente ligadas a partidos de esquerda e que faziam parte tanto do Grêmio, como de sindicatos, éramos também conhecidos como escola vermelho, a Secretaria de Estado de Educação resolveu então nos dizer que éramos elitizados demais, e que o projeto deveria ser mais popular e inclusivo, ora, imagina que o projeto Máster voltado para atender os melhores alunos da rede pública de ensino para serem formados em um projeto especial, tinha exatamente a finalidade de fazer a seletiva dos alunos, e que de certa forma recebíamos alunos seletos e que de pronto entendiam a dinâmica da escola portas abertas, sem algazarras, sem baderna, e que se organizavam juntos ao grupos escolares na manutenção predial, exemplo disto, nós não tínhamos merendeira, nós pagávamos uma funcionária para fazer o almoço para os alunos, nós fazíamos as compras, e organizávamos o almoço por conta sem a presença dos professores e eremos uma escola integral, o que nos mostra uma formação integral que visava desenvolver autonomia do aluno, mas este ar de seletos, incomodou, e o Máster, morreu, nem os alunos novos recebidos em 93 e 94 conheciam o nome da escola, a confundiam com o nome do prédio, lembrando que o nome da escola até 94 era Instituto de Educação de

Campo Grande, e os alunos novos que deturparam o projeto após a intervenção da Secretária Leocadia Agle Petre Lemes, passava a chamar o colégio de colégio Hercules Maymoney, errado, este era o nome do Prédio que agregava além do instituto, o arquivo da SED, a central de cursos de informática, e outros departamentos da secretaria como a chefia do núcleo educacional na época. Tento escrever um livro a respeito, mas acabo pecando por relacionar minhas emoções pessoais com a história real. O Máster ainda faz parte de mim, e sempre fará.

**Entrevistado:** H. S. – A (6)  
Economista – Ex-aluno.

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Foi algo que fez a diferença na minha vida, pois obtive um gde aprendizado que me ajudou a entrar na faculdade e como uma cidadã, professores mais preparados e sempre dispostos a nos ajudar! Foi algo inesquecível e se hj sou o que sou, posso dizer com certeza que no projeto Máster foi onde tudo começou!!!

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Infelizmente a política conta muito e como o projeto exigiu um grande investimento, foi melhor ter parado e assim a escola Hercules se tornou uma escola normal, como outra!



Entrevistado: J.M.S.B. – a (7) -  
Ex-aluno.

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Particpei das primeiras turmas do Máster que foram selecionadas entre os melhores alunos da rede estadual de ensino de Campo Grande. O meu primeiro ano foi todo vivenciado no projeto original, que tinha como principais diferenciais:- Os professores recebiam por um quantitativo de horas totais, que eram divididas entre a sala de aula e planejamento (Ex. 20 horas em sala e 20 horas de planejamento = 40 horas).- Existiam coordenadores para cada disciplina.- Existiam as oficinas de teatro, dança e coral- Opção de Inglês e Espanhol- Educação Física- Essas atividades eram realizadas no horário oposto às aulas.- Laboratório bem equipado No segundo ano, mudou o governo do Estado e cortaram a seleção de alunos e carga horaria de planejamento dos professores, que era o que atraiu muitos dos melhores professores que tenhamos e no terceiro ano mudamos para uma nova sede e o projeto se transformou em uma escola normal, ainda de grande qualidade de ensino, mas caminhando cada vez mais para a normalidade da rede publica, o que aconteceu definitivamente após a saída dos últimos remanescentes das primeiras turmas. O

Máster foi um marco na minha vida. Me sinto privilegiada de ter tido a oportunidade de ter uma educação tão completa (ensino formal, artes, línguas, formação social, política e moral) dentro de um ambiente público. Esse projeto é a prova de que é possível oferecer a uma população sem recursos financeiros uma educação de qualidade e formar cidadãos conscientes e profissionais bem sucedidos. Não tive dificuldade em entrar na universidade com a base que recebi no Máster.

**Entrevistado:** A.S.S. – A (8) professora de Língua Portuguesa, especialista em Produção Textual, professora efetiva do estado desde 2004 e atualmente trabalhando na Secretaria Estadual de Educação – Ex-aluna .

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Bom, aproximadamente no mês de abril ou maio de 1989 o então governo estadual Marcelo Miranda criou uma Projeto que foi intitulado Projeto Máster, que partia do principio de uma escola diferenciada das escolas estaduais existentes no estado na época. Com o então secretario de educação Walter Pereira criaram o Instituto de Educação de Campo Grande. Esse projeto inicia-se com a seleção dos alunos, os principais critérios para adentrar nesse projeto era ser aluno do Ensino Médio (pois o projeto era voltado unicamente para o Ensino Médio) de escola estadual, ter média 8,0 (oito) ou acima de disso, ter ciência que a escola seria diferenciada, já que o aluno teria que estudar durante 2 turnos, os alunos interessados nas suas escolas passariam por um processo

de seleção que seria através das melhores notas, cada escola recebeu um quantitativo de vagas, a minha em questão EE Amando de Oliveira - no Bairro Piratininga, recebeu o quantitativo de 10 vagas e todas foram preenchidas, sendo que uma dela era minha. Em principio deveríamos iniciar em julho, logo após o recesso do meio do ano, porém por problemas burocráticos a transferência só deu-se em Outubro de 1989. Assim, no início do 4º bimestre começamos a estudar na Rua Barão do Rio Branco, onde dividíamos o prédio com a Missão Salesiano e o Museu Dom Bosco. A inauguração deu-se com muitas pompas, com a presença do governador do estado, o secretário de educação, o arcebispo Dom Vitorio, direção e alunos. Ai iniciava uma história de amizade, sucessos e muito esforço. Nesse resto de ano que findava-se (apenas um bimestre escolar) havia 2 (duas) turmas de 25 (vinte e cinco) alunos cada que estudam no diurno e 3 turmas de Ensino Fundamental no período noturno e 1 turma do curso técnico de enfermagem. Começa então a rotina da escola, a então diretora indicada Profª Berenice (infelizmente não me recordo o restante do nome). As duas turmas do diurno tinham aulas no período matutino e no contra turno havia a complementação da carga horária, pois para que no período matutino tive hora/aula das matérias críticas (Português e Matemática) as disciplinas de Educação Física, Inglês ou Espanhol (pois o aluno fazia a opção por

uma das matérias no ato da matrícula) e Arte ficavam obrigatoriamente no período vespertino, ainda havia aulas de reforço para os alunos que apresentavam dificuldades. Um dos diferenciais desse projeto, além dos alunos, os professores também eram selecionados, havia aprovação de currículo, e eles eram pagos para ficar 22h em sala de aula e as outras 22h para fazerem planejamento, estudar e ministrar aulas de reforço para os alunos que no contra turno não eram seus alunos. Assim finda-se o ano de 1989 com 100% de aprovações e até o momento os alunos sempre animados e com muita vontade de estudar. No ano seguinte (1990) o quantitativo de alunos foi mais que quintuplicado, com os mesmos critérios de seleção nas escolas de origem. Os alunos novos eram pelos alunos que haviam inaugurado a escola eram carinhosamente apelidados de “calouros”, e uma das marcas dessa escola era a fraternidade entre todos os alunos, dos 3 turnos. Como ficávamos o dia inteiro, e muitas vezes à noite também, na escola o esforço e a dedicação de todos era muito grande, sem contar que ali estavam bons alunos, todos com um intuito de passar em uma universidade gratuita, já que a grande maioria dos que estavam ali, possuíam baixa renda familiar, na época, as Universidades particulares eram muito mais caras do que hoje, e não haviam tantas facilidades. O esporte era muito instigado na escola, montamos um time de vôlei (paixão da grande maioria

dos alunos), Handebol, futebol, xadrez, etc, etc. ganhamos vários campeonatos. Outra característica dos alunos era ser muito envolvidos com a situação política que o estado atravessava, fazíamos passeatas, íamos para as ruas reivindicar os nossos direitos e apoiar os professores que na época ficaram 6 meses sem receber. Além das excursões maravilhosas que realizávamos, onde as amizades ficavam mais entrelaçadas do que nunca entre toda a escola. A primeira viagem que fizemos foi para o Pantanal em julho de 1990, pois os nossos professores de Biologia (eram 2, que por acaso eram cônjuges) fomos em 5 ônibus, aproximadamente 250 alunos, pais e professores fomos para o Passo da Lontra e depois para Corumbá. Depois ainda realizamos outras, fomos 4 vezes para Chapada dos Guimarães, 1 para Bonito e outra para Ilha Bela -SP. Uma curiosidade sobre essas viagens é que todas nós ficávamos acampadas, para melhor conhecermos a natureza. Mesmo com toda essa integração não perdíamos o foco que era o estudo, no final de 1991 aquelas 2 primeiras turmas de 25 alunos, 43 entraram passaram em alguma vestibular, acredito que não houve 100% de aprovação, porque justamente nesse ano o vestibular mudou sua característica, deixando de ser múltipla escolha e passando a ser somatória. Nós anos seguintes sempre tínhamos uma grande aprovação nos vestibulares, tínhamos resultados melhores que muitas escolas particulares. Tivemos ainda, a eleição do diretor

mais novo do estado, o então professor de Física Suintila Valinõ Pedreira é o diretor eleito mais novo. Ele sempre foi um grande companheiro dos alunos. Porém, no ano de 1992 a escola muda de prêmio, passando para onde hoje encontra-se a E. E. Hercules Maymone, penso que ai começa há perder um pouco as características do Projeto, pois a escola aumentou muito o quantitativo de aluno. Sei que sou muito do que sou hoje, professora de Língua Portuguesa, especialista em Produção Textual, professora efetiva do estado desde 2004 e atualmente trabalhando na Secretaria Estadual de Educação ao Projeto Máster, lá aprendi a me valorizar, a estudar, graças aos meus colegas e meu professores. Escola que tinha muita não tinha vontade de sair de lá, pois estávamos lá ate nos finais de semana. Minhas melhores amizades foram feitas nessa escola. E até hoje fazemos o encontro anual dos ex-alunos do Máster, ainda mantemos contatos quase que diários pelas redes sociais. Sou muito feliz pessoal e profissionalmente e devo isso aos meus pais e ao projeto Máster e isso não é demagogia.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Hoje penso que o Projeto terminou, pois não temos políticas publicas no nosso país, apenas políticas de

governo, onde sai o governo acabam-se as boas obras realizadas pelos governos anteriores. Ainda pelo custo do projeto, principalmente quando lembramos a carga horária do professor pelo projeto inicial. Enfim sou muito feliz em ter feito parte dessa história.



Entrevistado: N. M. M. –  
Fisioterapeuta – Ex-aluno. A (9)

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Entre em 1990 a 1992, sou da 2ª turma que entrou no Máster (se não me falhe a memória). Poderia comentar sobre a sua participação e o que foi esse Projeto para você (até que ponto a participação no Projeto o/a ajudou em sua profissionalização, vestibular, faculdade). A escola funcionava na Barão do Rio Branco, ao lado do Museu Dom Bosco. Soube por uma amiga que já estava estudando lá a respeito do projeto e na escola onde terminei a 8ª série houve a seleção dos alunos que se destacaram tendo eu sido indicada para lá. O ensino era ótimo, sendo integral na ocasião. Havia refeição e aulas extras como coral, dança, teatro. Não participei dessas aulas, mas há pessoas que hoje estão no meio artístico em função dessa oportunidade. Foi interessante quando passei para o vestibular de fisioterapia na UCDB (único que fiz). A turma era de 80 alunos e quando no primeiro dia de aula houve a apresentação, para surpresa minha eu era a única que tinha feito o 2º grau em escola pública. Foi ótimo o ensino e sendo as turmas de no máximo 30 alunos por sala, todos se relacionavam, inclusive com as demais turmas. Os professores nem se fala, todos muito

bem preparados.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Bem, penso que não houve continuidade do projeto porque as pessoas de fora sentiam-se discriminadas ou rejeitadas uma vez que a escola era de referência como bom ensino mas limitada a poucos. Houve manifestação e assim, acabaram por liberar a entrada de alunos independente de terem vindo do ensino público ou privado. Sem preconceito, mas poderia ter continuado. Conheço muitos da época que ingressaram na faculdade, concluíram e estão bem colocados no mercado de trabalho.

**Entrevistado:** A. A. – Agente  
Comunitária de Saúde – Ex-  
aluna A (10)

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Na época lembro-me que eram selecionados os 4 melhores alunos das oitavas series das escolas publicas de nossa cidade. Eu estudava em uma escola estadual e fui selecionada pelas professoras de Matemática e Biologia. No inicio qdo o prédio da escola ainda era na Rua Barão do Rio Branco, lembro que estudávamos apenas em um período, qdo o prédio mudou pra Rua Ceara, ai foi mais complicado pq passamos a estudar nos dois períodos e ainda tínhamos que fazer uma oficina que era extra curricular, tipo um desestressante. As oficinas eram: teatro, dança, coral e artes plásticas, que foi onde me encaixei melhor, (fazia desenho artístico), era mto bom, afinal naquela época nao existia nenhuma escola pública onde os alunos estudavam em tempo integral e ainda fazia uma arte, vamos dizer assim. Os professores eram mto bons, penso que eles tb foram selecionados, assim como os alunos. Na vdd toda escola esta ai pra ajudar os alunos em sua profissionalização, o diferencial do projeto na epoca, é isso, que era a unica escola pública em tpo integral, e o estudo era bem puxado, tinha que

aprender ou aprender. Ah!! Agora me lembrei que se reprovasse tinha que mudar de escola, pq eles nao aceitavam. Eu nao consegui terminar o ultimo ano no projeto pq eu pegava o onibus as 5:50 da manha pra chegar na escola as 6:50, estudava o periodo da manha, almoçava na escola, estudava no periodo da tarde, nos dias de oficina saia da escola + ou - as 19 hs e ia chegar em casa la pras 20 hs. Ficou tao cansativo pra mim que nos ultimos seis meses do último ano tive que mudar de escola pra poder descansar um pouco mais. Mas o mais interessante é que pra escola que eu mudei o estudo tb era mto bom, lembro que os alunos de la tinham o maior receio com a professora de biologia, ninguém tirava mais do que a nota 7 nas provas dela. Qdo eu fiz a prova dela todo mundo admirou, pq eu consegui tirar 9,5... isso pq disseram que ela nao dava 10,0 pra ninguém... contei td isso pra vc ver como era otimo o aprendizado no Projeto MÁSTER.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Não sei pq o projeto nao continuou, pq tinha td para dar certo, talvez seja alguma coisa politica, nao sei, ou eles acharam que o investimento nao valeria a pena, ou quem sabe nao tinha uma pessoa de pulso firme pra poder

*Marcelo Correa Pires*

administrar tudo isso e levar o projeto para outras escolas;  
tb gostaria de saber o verdadeiro motivo de ter acabado,  
afinal era mto bom. É isso.

**Entrevistado:** R. C. – Advogado  
e Professor Universitário – Ex-  
aluno A (11)

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

O projeto Máster foi o melhor projeto com objetivo qualitativo já existente em escola pública. O Projeto foi responsável por desenvolver o espírito científico angariado até hoje por mim e proporcionou o acesso ao conhecimento teórico e prática, já que tínhamos a disposição o Clube de Ciências, Laboratório Completo, Oficina de Matemática, Português e Línguas. Se o projeto Máster minha formação humanística estudantil não seria a mesma. Além disso, o período integral de estudo propiciou a criação de laços afetivos de amizades que perduram até hoje o que contribui imensamente para a rede profissional de atuação no mercado

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Não houve a continuação por entraves e conchavos políticos. Não é de interesse da classe política dominante formar cabeças pensantes. O interesse político em não

*Marcelo Correa Pires*

dar continuidade a um projeto antecessor de outro grupo político levou a descontinuidade do melhor e mais eficaz projeto da educação pública.

**Entrevistado:** D. K. B. –  
Funcionária Pública – Ex-aluna  
**A (12)**

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Era aluna do ensino médio na escola mais disputada e bem estruturada da cidade e que tinham os melhores professores e os alunos escolhidos pelas melhores notas.

**Em relação à formação oferecida, em que medida foi importante na decisão em sua profissão ou formação para o trabalho?**

A formação oferecida era da melhor qualidade estimulando os estudantes a terem pensamentos próprios, com uma formação questionadora.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

O projeto não era vantajoso para o poder público por formar jovens pensadores e não uma massa fácil de ser manipulada. Mas não sei que meios legais usaram para desativar o projeto e transformá-lo no Hércules Maymone.



Baseado nas suas experiências quais os mecanismos desenvolvidos a partir do projeto foram estratégicos para que você construísse ou utilizasse para dar sentido a suas práticas sociais?

O projeto não oferecia apenas formação pedagógica, tínhamos ensinamentos diferenciados, éramos estimulados o tempo todo e nos ensinavam práticas da vida, a lutar por nossos ideais e sonhos, tínhamos Grêmios Estudantil, Clube de Ciências, Artes Cênicas, afinal muitas coisas a serem aproveitadas e que nos ensinavam a ter responsabilidades.

Quais as intervenções que você acha que deveriam ter sido feitas para assegurar a continuação do Instituto de Educação de Campo Grande?

Manter o projeto original e continuar a formar jovens pensadores que lutavam por seus direitos junto ao poder público. Mas infelizmente com o passar dos anos o critério de entrada no projeto mudou e a qualidade do Instituto ficou comprometida.

**Entrevistado:** J. M. N. –  
Professora do Ensino Superior  
Federal – Ex-aluna **A (13)**

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Terminei o Ensino fundamental (antigo 1º grau) numa cidade do interior do estado e solicitei ao meu pai que pudesse morar com minha vó na capital a fim de que pudesse estudar o Ensino Médio (antigo 2º grau) na capital. Meus primos já estavam estudando no Projeto Master e me motivaram a tentar entrar. Consegui a vaga devido minhas notas do histórico escolar, pois havia uma seleção para conseguir a matrícula. Fiquei muito feliz ao ser selecionada para estudar no Master que ficava na Rua Barão do Rio Branco onde estudei o primeiro ano e depois se mudou para o prolongamento da Rua Joaquim Murtinho para prédio próprio. O Projeto abrigava somente os anos do 2º grau (Ensino Médio). Me sentia privilegiada em estudar nessa instituição.

**Em relação à formação oferecida, em que medida foi importante na decisão em sua profissão ou formação para o trabalho?**

Os professores, assim como os alunos, eram os melhores em suas áreas. As aulas eram bem participativas e sérias

sem enrotação. Isso me motivou a ser professora também no futuro.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

O Projeto Máster se tornou Escola Estadual Hercules Maymone em 1993, eu estava no 2º ano. Era uma escola como as outras, apenas oferecia o Ensino Médio exclusivamente. Não entendo muito as políticas que aconteceram nessa época, mas depois disso a escola decaiu a qualidade de ensino.

**Baseado nas suas experiências quais os mecanismos desenvolvidos a partir do projeto foram estratégicos para que você construísse ou utilizasse para dar sentido a suas práticas sociais?**

O projeto Master tinha como objetivo oferecer um ensino de qualidade e diferenciado focando o ingresso desses alunos no Ensino Superior. Depois que virou uma escola comum foi obrigada a receber todos os níveis de ensino (Fundamental e Médio), isso dificultou que fosse focado no Ensino Médio decaindo a qualidade tanto dos professores como dos alunos. Sem incentivo político o Projeto perdeu-se no tempo.

Quais as intervenções que você acha que deveriam ter sido feitas para assegurar a continuação do Instituto de Educação de Campo Grande?

Deveria ter tido mais investimento na escola e credibilidade por parte do Estado, pois o Instituto tinha tudo para ser referência e modelo de Ensino médio no Estado e no País.

**Entrevistado: C. C. V. M. –  
Enfermeira – Ex-aluna A (14)**

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Fui aluna e me dediquei bastante, participei do coral da escola, das aulas de reforço, tudo o que pude aproveitar, aproveitei. Acredito que toda aquela atmosfera de seleção dos alunos ( fui da primeira turma), fez com que todos quisessem de forma construtiva se dedicar durante todo o curso. Era uma competição saudável.

**Em relação à formação oferecida, em que medida foi importante na decisão em sua profissão ou formação para o trabalho?**

Tudo foi importante. Costumo dizer que tenho muito mais lembranças positivas do ensino médio que da universidade. A universidade sempre é um marco na vida da gente, mas o ensino médio com certeza superou essa importância. Durante o segundo grau fui estimulada a vencer, os professores sempre buscavam elevar nossa auto-estima, faziam nos sentir capazes. Acredito que essa conduta dos professores em sempre valorizar nossa condição de aluno crítico e nos fazer argumentar, expor nossas opiniões, trabalhar sempre a questão do exercício da cidadania foi fundamental para que eu me sentisse

empoderada para escolher a profissão que tenho hoje.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Como aluna, talvez não consiga responder claramente, mas acredito que a falta de vontade política deve ter sido crucial para o término do projeto. Me lembro também que na época, nossos professores não recebiam seus salários em dia. Me lembro das diversas passeatas que fizemos no governo Marcelo Miranda, pedindo que regularizasse os salários. Éramos tão envolvidos com a escola que fazíamos passeata pelos professores...não se vê mais isso...

**Baseado nas suas experiências quais os mecanismos desenvolvidos a partir do projeto foram estratégicos para que você construísse ou utilizasse para dar sentido a suas práticas sociais?**

Era impressionante mesmo o nosso envolvimento. Pintávamos os “meio-fios” da escola, ajudávamos a arrecadar dinheiro para complementar o almoço, limpávamos a escola aos sábados, nos reuníamos para organizar jogos, os professores participavam conosco em tudo. Realmente os professores eram envolvidos com a causa e isso é o maior exemplo para o aluno se envolver

também. A metodologia utilizada pela professora Regina Frias era fantástica. Fazíamos debates para discutir os autores como Maquiavel e Rousseau, os debates que simulávamos na eleição presidencial Collor e Lula, as discussões sobre respeito e aceitação do outro na sala de aula. O envolvimento dos pais no acompanhamento dos alunos. Os festivais que elaborávamos durante o ano unindo música e teatro. Ou seja, todo o contexto da escola e a metodologia que valorizava o aluno como pessoa, todo o clima de humanização e respeito aluno-escola-professor, contribuiu para a pessoa que sou hoje.

**Quais as intervenções que você acha que deveriam ter sido feitas para assegurar a continuação do Instituto de Educação de Campo Grande?**

Investimento de recursos financeiros no projeto, valorização do salário dos professores, investimento na educação permanente dos professores, vontade política.

**Entrevistado:** C.R.S.R –  
Comunicadora Social – Ex-  
aluna A (15)

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

Estive no Instituto de Educação de Campo Grande durante três anos como estudante. Durante minha formação participei intensamente das aulas e dos projetos culturais e científicos oferecidos, aproveitando as oportunidades para aprimorar meus conhecimentos e me preparar para o vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

**Em relação à formação oferecida, em que medida foi importante na decisão em sua profissão ou formação para o trabalho?**

Sempre fui aluna de escola pública. Me dedicava aos estudos, mas por ter origem em uma família de baixa renda não poderia participar de cursos particulares específicos de preparação para o vestibular e também de outros relacionados a arte e comunicação que me interessavam. Acredito que a formação oferecida no Projeto Master foi importante e suficiente para me fazer concorrer de igual para igual com outros estudantes de escolas particulares que também tentaram vagas no curso



de Jornalismo, bastante concorrido à época na UFMS, local onde me formei.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na continuação do trabalho?**

Não posso responder a este questionamento pois não acompanhei o encerramento do projeto. Mas acredito em falta de interesse político dos governantes que administraram a pasta de educação em Mato Grosso do Sul nos anos seguintes à minha formatura no Ensino Médio, antigo Científico. Uma pena para os estudantes do ensino público estadual que não tiveram as mesmas oportunidades que eu e meus colegas tivemos de desenvolver nossas habilidades com um excelente apoio pedagógico.

**Baseado nas suas experiências quais os mecanismos desenvolvidos a partir do projeto foram estratégicos para que você construísse ou utilizasse para dar sentido a suas práticas sociais?**

O projeto Master tinha vertentes muito interessantes que permitiam o desenvolvimento cognitivo e aprimoramento dos seus estudantes. Me lembro muito do Corpo Docente, formado por excelentes professores que além de dominar o conteúdo sabiam utilizar práticas didáticas

que motivavam e incentivavam os alunos em sala de aula e fora dela.

Os projetos culturais e de línguas estrangeiras também eram um diferencial. Eu, por exemplo participei durante os três anos que estive na escola das aulas de teatro oferecidas pela professora Maria Célene. Os exercícios teatrais de voz e interpretação foram definitivos no meu aprimoramento e desejo de trabalhar com a comunicação. Em muitos momentos, onde realizei reportagens, na minha profissão de jornalista, seja na televisão, no rádio ou no jornalismo impresso, me utilizei de recursos guardados desde as antigas aulas de Célene. Além disso, a montagem das peças teatrais nos despertaram características empreendedoras e artísticas importantes na atuação profissional e pessoal, minhas e com certeza de outros colegas que também vivenciaram essa experiência.

Como disse, venho de uma família humilde e não tive a oportunidade de pagar cursos de línguas, no entanto, tenho certeza que as aulas de Inglês e Espanhol que o Instituto de Educação me ofereceram, foram fundamentais para a proficiência nessas línguas, que me permitiram cursar o Mestrado de Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul de 2010 a 2012, quando me formei no Programa.

**Quais as intervenções que você acha que deveriam ter**

## sidio feitas para assegurar a continuidade do Instituto de Educação de Campo Grande?

Talvez tivesse sido importante buscar e mostrar aos gestores da época os resultados na formação dos estudantes que realizaram formação no Projeto do Instituto de Educação de Campo Grande. Exemplos, como a minha história, há 20 anos atuando no jornalismo da Capital, dez anos como docente no Curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco, e as carreiras profissionais dos meus colegas do Master, muito bem sucedidos nas diversas áreas do Conhecimento, Direito (advogados e juizes), Saúde (médicos, enfermeiras, fisioterapeutas), Sociais (psicólogos, assistente sociais), entre outras, como a Educação. Elas são, com certeza, resultantes daquele período educacional que vivenciamos e já poderiam ser mensuradas após as primeiras turmas entrarem no Ensino Superior.

**Entrevistado:** L. F. B. –  
Assistente Social – Ex-aluno **A**  
**(16)**

**Como você descreve sua participação no Instituto de Educação de Campo Grande?**

No início muito medo, embora eu tivesse um porto seguro lá, já no primeiro ano aconteceu uma serie de atividades em defesa do projeto e fui me envolvendo de tal forma que em determinados momentos já era presidente do Grêmio estudantil, sendo a primeira adolescente mulher a presidir o grêmio e o movimento estudantil acabava por “prejudicar” os estudos, talvez por não conseguir conciliar, mas foi um grande aprendizado nos dois campos.

**Em relação a formação oferecida, em que medida foi importante na decisão em sua profissão ou formação para o trabalho?**

Na medida em que me proporcionou a visão critica de uma sociedade e me preparou pedagogicamente para concorrer às vagas oferecidas nas universidades.

**Quais foram os fatores que contribuíram para a desativação do Projeto Máster ou quais os aspectos problemáticos que interferiram negativamente na**

### **continuação do trabalho?**

Na minha visão a falta de compromisso dos gestores públicos, pois na época a idéia da maioria ainda era manter uma sociedade sem estudo e sem uma formação critica e não como argumentavam que o Projeto Master excluía parte da população.

**Baseado nas suas experiências quais os mecanismos desenvolvidos a partir do projeto foram estratégicos para que você construísse ou utilizasse para dar sentido a suas práticas sociais?**

O **COLETIVO** dentro do projeto sempre foi uma referencia pra mim, pois tudo que íamos fazer deste o planejamento anual era compartilhado, debatido e votado foi esta democracia e o debates de idéias que trouxe para minha vida o sentido de formar, transmitir e construir novas ferramentas de intervenção e proposição lembra-me muito sobre um texto construído por nosso grupo do grêmio estudantil em defesa do projeto que dizia: "vamos fazendo nosso batuque, tomando nossa gelada e passando a rasteira nestas velhas caras enrugadas" (mas ou menos assim) isso era nosso sonho e não podíamos perder isso sendo destruído e sucateado como foi a educação do Brasil durante décadas.

**Quais as intervenções que você acha que deveriam ter sido feitas para assegurar a continuação do Instituto de**

## **Educação de Campo Grande?**

Na verdade vendo hoje 20 anos depois seria mais fácil é difícil falar da época, pois foi um tempo não tão distante mais ainda sim uma época onde imperava os desmandos dos governos, o monopólio do poder e falta de democracia ou “democracia demarcada” acredito que fizemos o que era possível, as grandes manifestações, invasões e muita pressão com deputados e vereadores, houve o debate com secretaria de educação e governo porém ficou apenas no debate, pois a decisão foi aquela que conhecemos na época, o gestor maior determinou.

**Entrevistado: R.O.** – Advogado  
Tributarista, Empresário,  
Consultor e 1.º Secretário da  
ACICG – Ex-aluno A (17)

Para mim o Projeto Master transformou minha vida porque a gente tem uma concepção de escola daquele padrão tradicional, e você vai lá para aprender a matéria, fazer uma prova, passar no vestibular, o foco sempre é o vestibular, para vc fazer a faculdade, as pessoas de baixa renda não tinha acesso, na nossa época, hoje você tem Enem, você tem cota, você tem um monte de coisa, mais aquela época e muito claro, quem estudava em escola pública ia para a escola particular, trabalhar durante o dia para poder ter dinheiro e pagar a faculdade a noite, quem conseguia pois a parcela era pequena, os alunos de escola pública não entrevistavam em escola particulares, quando eu entrei eu fiz engenharia (UFMS) e direito (UCDB), engenharia de manhã e direito a noite, Trabalhava a tarde para pagar a faculdade, pois meu pai não tinha condição de pagar sozinho, só que eu tranquei, no meio do ano, fiquei na engenharia, devido a questão do custo pois comecei a trabalhar como estagiário não tinha uma remuneração suficiente, fiquei na engenharia na federal, mas logo depois, o curso de engenharia na

federal só tinha eu e outro aluno advindo de escola pública, na sala de aula, que era meu colega do máster. Na engenharia havia dois que eram de escola pública e era no do máster e o resto todos na escola particular, e você percebe o poder aquisitivo do pessoal, era bem superior, filho de desembargador, filho de político, filho de engenheiro, não tinham dificuldades. O que acontece na federal, ela é feita para quem tem recurso, no ano seguinte, as aulas da engenharia que era uma de manhã e outra a tarde, no outro ano, uma a tarde e o outras de manhã, intercalado, e o que aconteceu comigo, que era de manhã, passar a ser, eu trabalhava para comprar livro, ajudar em casa, alimentação em uma empresa de engenharia, mas no segundo ano quando mudou a empresa disse que não precisa de mim para trabalhar de manhã somente a tarde, eu então voltei para o direito, então preferi trabalhar o dia inteiro e pagar a minha faculdade de direito na UCDB, porque a UFMS te joga para essa situação, incomodou, porque você tinha a escola particulares, DOM BOSCO, MACE, etc, que aprovava no vestibular, o Master começou a concorrer com igualdade com eles e as vezes até melhor, então os filhos do Master tirava vaga de gente importante nos vestibulares. Eu acho que um dos motivos que levou o fim do projeto foi justamente o sucesso dele, porque o filho de fulano de tal não entre enquanto o pessoal da escola pública do Master conseguem entrar na faculdade,



consegue passar. Eu vim de uma família de 5 filhos, meu pai não tinha muita condição até por conta da situação econômica. do pais, e todos nós estudamos em escola pública, isso me fez um bem enorme, devido ao relacionamento, pois no máster você tinha uma formação política e cidadã, quando eu fui para o máster eu vi que as pessoas são tratadas iguais, independente do que ela tem, isso é a característica da escola pública, quem coloca filho na escola particular está perdendo um pouco na formação dele, embora você visse talvez que alguns tinham mesmo no máster melhores condições que outros você não via a intenção deles se colocar acima do outro por conta do poder aquisitivo, todo mundo era tratado igual. Tinha gente que não tinha dinheiro par ao lanche dependiam da merenda na escola, um ajudava o outro, todo mundo se ajudava, e era uma situação muito mais, de altruísmo de preocupar mesmo com os colegas independentes do poder aquisitivo, e aquilo ali me fez um bem tremendo. Outra coisa que percebi bastante era que as amizades eram bem mais verdadeiras, você não tinha aquela situação de amizade por interesse, sabe, ou por qualquer outra razão que fosse, outra coisa o grupo era muito mais hidrogênio, você tinha pensamento diferente, pessoas diferentes e você conseguia conviver com isso, parecia muito mais Brasil, você veja nos encontramos hoje independente da profissão que temos, você não ver um médico fazendo amizade só com medico, um advogado

só com advogado, hoje as amizades estão atreladas a sua condição de estrato social, esses pontos de vistas diferentes e o que tem de mais rico no nosso país que essa diversidade tanto cultural, quanto, ética, quanto social, se você consegue manter isso daí. Outra coisa que era foi muito importante pra mim lá, eu era extremamente tímido, colônia japonesa tem uma educação bem fechada, oriental, tinha dificuldades de falar e sempre fui muito bom em exatas, exatas sempre foi meu forte, tanto que, matemática, química e física eu até ajudava como monitor. E a timidez era uma coisa que atrapalhava queira ou não, ou seja, a minha formação cultural até aquele momento me encaminharia para uma formação técnica, onde eu não ia precisar de tanto relacionamento de falar muito, etc., e provavelmente seria engenharia mesmo, mas no primeiro ano tinha uma oficina de arte lá e um amigo me chamou para participar, mas eu falei jamais, eu não tenho nem coragem de apresentar nada, mas ele insistiu tanto que eu fui com ele, só que a professora, era a Celene, ela era tão de boa vontade, aliás todos os professores eram professores, não eram meros professores, eram mestres, eles passavam a paixão por aquilo que, pela matéria pela área deles, que eles gostavam, eles eram apaixonados, na aula de laboratório. Dom Bosco não tinha ela a melhor escola particular o laboratório do DOM BOSCO, era um laboratório singelo perto do máster, aliás, o laboratório de física química,

matemática, línguas e biologia, era talvez até melhores que o da federal, eu tive aula de química na federal, e eu cheguei lá sabendo, muito mais que qualquer outro aluno, a gente já sabia mexer nos equipamentos de química, já sabia manipular, fazer várias coisas porque, a gente tinha aula de laboratório e não era uma vez por ano, a gente tinha aula toda semana e gente tinha acesso ao laboratório, , tinha aula toda semana, dissecação de sapo no ensino médio, fantástico, você não tem hoje, você não tinha naquele época, o gerador de Van de Graaff que a energiza coloca no espaço dela e as crianças ficam impressionadas, pois levanta o cabelo, etc, a gente tinha, a gente usava o gerador, sabia o funcionamento dele, entendia o processo todo e tinha ótica, tinha tudo para fazer experiência, e isso era fantástico pois despertava a curiosidade, e eu quando era criança queria ser cientista e então aquilo era uma realização, você nunca vai ter acesso a nenhum tipo de equipamento assim em casa eu não conhecia nem um tubo de ensaio, e ali você tinha tudo e os professores acompanhavam, dando assistência, e o quando diferencial era a o tempo que os professores tinham para preparar a aula, e isso para mim e tão importante quanto a aula em si, por exemplo, você vai para uma reunião hoje em dia aqui mesmo na ACICG, ou qualquer outra atividade no direito, você não vai para nenhum audiência sem preparar, se não você vai perder, não para uma reunião despreparado se não você não vai

fechar negocio, então você precisa de um tempo de planejamento, o professor vai para a sala de aula, chega la abre o livro e le a mateira, não, se ele puder pesquisar antes, trazer coisa da atualidade. Me lembro que além dos professores ter um tempo integral com os alunos, a própria curiosidade dos alunos devido a essa relação mais presente, despertava nos professores a necessidade de ir mais fundo em determinados temas. Então quando eu fiz teatro eu fui através desse amigo não queria de jeito nenhum fui arrasta, mas a professora era tão boa, tão atenciosa e falava de teatro com uma paixão tão grande, das artes cênicas, que mesmo eu não sabendo o que era, eu fui entender o que era ali, achava que era coisa so de novela, de quem quer ser famoso e achava que não tinha nada a ver, mas ela explicou o conceito da arte cênica o psicologia que existe por tras disso de você entender o personagem de você compor o personagem de você transmitir a emoção etc. aquilo ali me interessou muito e eu fiquei, o meu colega que me levou saiu, mas eu fiquei, e durante o três anos de ensino médio lá, a gente inclusive, eu me lembro que eu estava no primeiro ano depois a Leocádia começou a fazer as mudança la, e os melhores professores foram saindo aos poucos, e só que a gente continuou, olha só, por conta de uma professora, que era mestre em despertar o interesse a gente fez um grupo próprio de teatro independente da ausência dela, pois ela foi embora, e a gente montou uma companhia

campo-grandense de teatro, com o regimento, com estrutura e tudo nós alunos fizemos, peças em várias escola aqui em campo grande, fazia teatro de arena, fazia apresentação, e depois a gente começou a fazer grande apresentações no palácio popular da cultura, teve alguns professores que ajudavam também, por que a gente era menor, mas fomo nós alunos que organizamos, trouxemos o autor Marcelo Novaes da Globo, depois eu participei oficina de teatro com um professores do centro de teatro de laranjeira do Rio de Janeiro, oficina de direção teatral, e ai a gente estudava o teatro, não so fazer por fazer, eu usava o métodos das teorias do teatro. Eu acho assim ele suplanta a ideia que era uma brincadeira de 2º Grau, não era não, ele tinha um cunho mais científico de mais aprofundamento, que método a gente vai utilizar para poder monitor estes personagem, montar essa peça, então. Inclusive um colega meu que participava de teatro que era o Lu Gustavo Battaclin, nos dois fomos depois do Master para o direito, ele se formou em direito é um criminalista bastante conhecido também, inclusive ele continuou, fez ponta em novela não sei da Globo ou do SBT, ele foi bem mais distante, mas depois ficou no direito. E outra mais do que ter participado disso, eu até sinto falta dos palcos, de montar uma peça, pois depois acabei me tornando um diretor, dei aula para outros alunos, já no Hercules, pois havia acabado o projeto, montamos um cursinho, depois eu parei. Foi

nítida a diferença depois do fim do projeto, tiraram os melhores professores, tudo ta no mestre, tudo ta nos bons professores, na capacidade de ele ser um apaixonado por aquilo que ele faz e de conseguir transmitir isso para seus alunos. Mas o teatro me ajudou no meu desenvolvimento social, hoje eu dou entrevistas, eu falo na TV, e percebo o quanto a minha participação nos tetos contribuiu, pois a gente ver outros pares, aqui, ou em outras lideranças que tem uma grande dificuldade, como eu já tive essa informação e veio do Master, isso me ajudou a vida inteira, inclusive na faculdade, e hoje profissionalmente, conversar com os clientes, conversar com as pessoas, pois o teatro não é só a oratória ou expressão em si, mas é você entender o que o outro está sentindo, entender o que o outro esta pensando, isso tras um aprofundamento do conhecimento da ciência humana muito grande, como eu já tinha a ciência exata forte eu queria desenvolver o que eu tinha de fraco que era a ciências humanas, por isso que eu cai pro lado do direito e me esforcei um pouco para ir para essa área. Outro fato muito importante que o Master tinha a questão da cidadania e da consciência politica, e tinha um certo tendenciamento por parte dos professores para uma linha mais socialista, você tinha participação da juventude socialista, bastante presente no grêmio, principalmente o pessoal do noturno, que eram alunos com idade maior e uma participação politica de atuação politica dos movimentos estudantis mais forte, mas apesar

desse posicionamento mais socialista, a gente conseguia fazer o desenvolvimento desse pensamento mais independente também, até por que , se a gente não podia ser massa de manobra da direita, também não podia ser massa de manobra da esquerda, então você conseguia fazer o contraponto, capacidade de se posicionar, o questionamento filosófico, pois na aula de filosofia a gente estudava isso daí que você tem pensar por sua própria cabeça, agora, tem varias linhas da questão politica varias linhas do pensamento que você tem que optar ouvir, estudar mais tirar suas conclusões, não aceitar a coisa pronta. O grêmio estudantil era uma coisa fantástica, muito forte, muito participativo, muito democrático, você tinha eleições, você tinha o contato do que era uma eleição desde o inicio, você pega no Dom Bosco, por que eu conhecia lá, você tinha uma eleição de liderança de sala, uma liderança sem nenhuma influencia, o grêmio não, ele mudava as coisas dentro da escola, as propostas do grêmio eram ouvidas pelos professores, lutas por passe de ônibus, os professores davam as ideias, mais a gente e que decidia e ai o que a gente votasse eles nos ajudavam a implementar, então o grêmio era bastante importante, a gente organizava varias coisas neh, outra coisa que tinha lá questão politica, pois eu não tinha nenhum interesse na política até lá, foi a formação dos colegiados escolares, você tinha o conhecimento do que um processo eleitoral, a forma como conduzir, quais os

cuidados que você deve ter, então desde o 2º Grau, a gente já tinha isso, hoje as pessoas não entendem direito como funciona uma eleição, estatuto de grêmio, regimento interno, eu cheguei na faculdade de Direito sabendo fazer estatuto, sabendo fazer, regimento interno, coisa que tem gente que sai da faculdade de Direito sem saber elaborar, um estatuto um regimento. Clube de ciências e cultura, o Alquimia, que era o clube de ciência do projeto Master, fantástico, a gente elaborou eu acho que 5 feira de ciências estaduais, agente ajudou a organizar as feira de ciência estudais, a gente organizava, os alunos, claro que sempre com a participação dos professores, mas quem punha a mão na massa era os alunos desde o início, nos fazíamos a nossa feira de ciência da escola e fazia a feira de ciência da rede estadual de ensino, foram varias fezes, inclusive já fizemos no parque Laucídio coelho, a gente carregava, a gente limpava, certo, hoje é proibido você fazer qualquer tipo de coisa, por exemplo, obrigar o aluno a limpar a escola, no Japão é o contrário, uma criança do pre primário, uma coisa que ela aprende desde o início e que ela tem que limpar a escola, e o clube de ciências era muito forte, pois existia projetos premiados em nível nacional, internacional, a gente participou da feira de ciências internacional na Argentina, e era projetos de Biologia, de física e matemática. Havia projetos que cabiam uma iniciação científica. Eu tive a oportunidade de presidir o



clube, esse clube de ciência me acrescentou muito essa questão da estrutura organizacional de uma entidade, pois era praticamente isso, pois tinha um estatuto, apesar de não ter CNPJ, mas tinha estatuto, você tinha que se credenciar para participar das feiras. Os alunos que participavam do clube e do Grêmio despertou muito e essa questão política foi mais quando a gente foi compelido a lutar para não deixar o projeto morrer, era uma escola que a gente ficava o dia inteiro por livre espontânea vontade, sabe quando você acordo com prazer, com vontade de ir para escola, você fica lá querendo estudar, e o pessoal na biblioteca, nas aulas de reforça, não era fácil, os professores exigiam muito, muito, as provas que elas nos davam eram provas difíceis, você ver com questões por exemplo do ITA, questões complexas para caramba, teve prova que mesmo todo mundo dedicando muito, me lembro numa prova de química que a maior nota foi 3 (rs.rs.), embora eles trabalhassem depois essas questões, mesmo porque também, por conta dessa consciência política, os alunos cobravam pois mesmo estudando não conseguiram nesse caso tirar a nota, e a gente debatia com os professores para alcançar o resultado. A sala se reunia a tarde e ficava estudando a matéria, depois essa situação foi melhorando, nos fomos adaptando as exigências, talvez, por isso não passávamos em qualquer vestibular que fosse, Eu acho que se eu não tivesse estudado no

projeto Master, eu não tinha desenvolvido metade das minha competência que eu poderia, que eu consegui desenvolver hoje, eu considero o mais importante na minha vida o ensino do projeto máster do que o da faculdade. Depois que mudou o projeto Master e entraram novos professores que não tinha muita competência, nós começamos a questionar muito, não questionar comportamento, questionar conteúdo que eles ensinavam, e essa atitude levei comigo para a faculdade, na engenharia mesmo quando eu fiz a primeira prova de engenharia de física, ciência exatas era bom, eu não tinha errado nenhuma questão e o professor me da 1,5 de média, e eu então fui perguntar o motivo, e ele me questionou como eu cheguei no resultado, queria eu explicasse pois não havia gostado da maneira como eu resolvi a questão, embora o resultado estivesse certo. Por que isso a gente aprendeu no Master, eu tinha uma professora de química a Malu, que ensinava a gente a não decorar nenhuma formula de química a gente aprendia a deduzir a encontra novas formas de resolver, não tinha essa de você decorar receita pronta e chegar no vestibular e fazer, ensinava a gente a pensar porque que era a razão da forma., não precisava decoar formula, precisava pensar no processo, decorar uma formula e não saber nem de onde ela vem, tanto que na federal o professor de química só usava formula decorada. Ai eu notei que na Universidade Federal o professor não estava

comprometido não, ele chegava atrasado, sai mais cedo, o aluno estuda sozinho se quiser e no Master a gente assistia aula e não precisava estudar em casa, os professores transmitiam muito bem, e acompanhavam ai você vai pra federal que não tem aula, e o aluno tem que estudar sozinho em cima de livro, pra quem trabalha não dá tempo, e UCDB mesma coisa, o professor de direito colocava no quadro alguma coisa, por que você tinha desenvolvido no Master um raciocínio lógico e bom senso, então ele colocava no quadro a matéria e você pensava não cabe isso, embora talvez estivesse no livro, e você começava a questionar e isso me ajudou na faculdade de Direito e depois até pra você ter um aprendizado melhor, agora o que as faculdades me proporcionaram foi conhecimento teórico, agora , na formação como pensamento, sabe aquilo de você pensar com sua própria cabeça, de você raciocinar e questionar se está certo ou errado. Pra mim eu tive isso potencializado pelo Master, não que eu não tivesse antes, pois claro que você tem isso dependendo da educação que você tem na família, mas o projeto Master potencializou isso e me mostrou uma realidade diferente daquela que a gente achava que era, que você não tinha oportunidade, que você dependia dessa questão financeira de padrão econômico, tal, lá não como todo mundo era igual todo mundo tinha capacidade de se destacar por seus próprios méritos e não e por questões de oportunidades dadas. Por ultimo

eu queria acrescentar (risos) que os relacionamentos eram interessantes, eu mesmo me casei com uma pessoa de lá, na verdade foram vários casamentos.

*Marcelo Correa Pires*

1º Workshop - Projeto Master

Anfiteatro da Escola Estadual Hércules Maymone

Rua Joaquim Murtinho, 2612 - Itanhangá Park

Campo Grande - MS

## 1º WORKSHOP

# PROJETO MASTER

Dia 29 de outubro de 2014 (quarta-feira)

19h às 20h30min

**Local:** Anfiteatro da Escola Estadual Hércules Maymone  
Rua Joaquim Murtinho, 2612 - It anhangá Park - Campo Grande

Presenças confirmadas:

EX - COORDENADOR GERAL DE EDUCAÇÃO –MS (BIÊNIO 89/90)

EX - COORDENADOR GERAL DO IECG . (PROJETO MÁSTER)

EX - DIRETORA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - MS  
(BIÊNIO 89/90)

*“O projeto Máster foi o melhor projeto com objetivo qualitativo já existente em escola pública. O Projeto foi responsável por desenvolver o espírito científico angariado até hoje por mim e proporcionou o acesso ao conhecimento teórico e prática, já que tínhamos a disposição o Clube de Ciências, Laboratório Completo, Oficina de Matemática, Português e Línguas. Sem o projeto Máster minha formação humanística estudantil não seria a mesma. Além disso, o período integral de estudo propiciou a criação de laços afetivos de amizades que perduram até hoje o que contribui imensamente para a rede profissional de atuação no mercado”.*

*(ex-aluno do projeto)*

Participante 1: Antônio Carlos do Nascimento Osório - Coordenador Geral de Educação da Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul (durante a vigência do Projeto Master)

Nosso interesse não é fazer a avaliação daquele projeto daquela escola, o interesse é outro aquela convivência, aquela oportunidade, a experiência ou as experiências por intermédio do projeto o que subsidiou hoje enquanto sujeitos depois de tantos anos desse processo.

Alguns depoimentos dos egressos nos chamou a atenção pois diziam: - eu resolvi deixar de estudar por causa da escola pois descobri que não preciso estudar para ser alguém na vida. Depois a gente descobre que é um empresário de grande sucesso no estado. Outro aluno fez doutorado nos estados unidos é professor da UFMS na área de química e reconhece e agradece.

Dando uma palestra um dia, um professor se levanta e agradece por eu ter oportunizado a família dele neste projeto, pois o irmão dele é médico fez doutorado e disse se não fosse esse projeto as coisas não teriam

dado certo. Quero deixar bem claro, logo após nós montarmos o projeto dois egressos dele entraram na medicina e eu acompanhei na universidade. Na época não tínhamos bolsa permanente, auxílio, nada disso né, e foi um momento muito tortuoso e um deles teve que desistir, pois as coisas na universidade tem que comprar jaleco, Xerox, estetoscópio etc., e não tinha dinheiro para isso. A partir disso eu descobri pelo referencial foucaultiano, que isso é muito claro, pois você dá acesso mas em seguida outras coisa vão excluir, não adianta cair na ingenuidade que está tudo superado a seletividade social é justamente pra isso, pra correções. Eu defendo o presente olhando para o passado eu acredito, o ano passado tivemos uma audiência pública na assembleia legislativa do Estado para discussão do ensino médio no estado MS, coincidentemente, a pessoa que foi convidada para falar sobre a história do ensino médio no estado foi eu, por conta que eu pesquiso, por conta que a minha dissertação de mestrado foi sobre o ensino médio no estado. Das pessoas que estavam na audiência a ex-senadora Marisa Serrano pediu um documento pois não há registro em lugar nenhum. Todos nós temos uma história de como é que fomos parar lá dentro da secretaria naquele momento e o que nos deu autonomia para fazer o que a gente quis pois é importante deixar bastante claro. Quando o deputado federal na época Valter Pereira que depois foi senador assumiu a secretaria de educação,



eu quero deixar bem claro que eu sempre odiei político na secretaria de educação, mas pintou essa proposta de eu ir para a secretaria e ele tinha alguns critérios, eu na época estava saindo da pró-reitoria de pós graduação da UFMS, e a irmã dele, a Beatriz que foi presidente do conselho estadual de educação por muitos anos, trabalhava junto comigo e ela indicou meu nome para ser Coordenador Geral de Educação do Estado. Com relação a professora Tidinha foi o fato de que ela tinha sido exonerada do cargo de diretora de escola porque ela tinha apoiada a greve dos professores da rede estadual de ensino. Essa greve ai é que tá um dado diferente da coisa, nós assumimos a secretaria de educação e fazia mais de 90 dias que os professores estavam em greve, coincidentemente o presidente da federação dos trabalhadores em educação FETEMS era o Antônio Carlos bife, e nós tínhamos briga homérica e a Elza era vice presidente dele, as discussões acirradas com ele, pois o Valter como político, a questão dele tinha o interesse na questão política propriamente dita, e não tinha interesse só em política educacional. Ele fazia uma coisa que eu achava interessante, ele chegava na secretaria 7:30 da manhã e dizia: - hoje nossa agenda é para Aquidauana, então pegava o carro e ia para Aquidauana. E ele sempre foi muito persistente, uma das grandes qualidades dele. Ele fazia cenas hilárias na sala de aula, uma vez a gente foi na moreninha I ou II e o professor não viu que ele estava

sentado na sala de aula e era um professor de língua inglesa, e ele tava dando uma aula sobre o verbo to be, e complementava com algumas frases muito rápidas e quando ia pronunciar boy ele pronunciava boi, e o Valter ficou histérico e disse: - se o senhor estava falando isso como é que esse alunos vão aprender. Outra vez ele insistiu que a gente fosse num assentamento Mojolim em Anastácio onde os pais receberam um lote de terra mais ou menos no mês de outubro e deu um problema grave e houve uma evasão monstruosa onde esses alunos estavam. E entre a terra e a escolaridade dos filhos eles queriam a terra é claro. Lá houve uma discussão muito acirrado como o Secretário Municipal de Anastácio pois ele mandou que reprovassem todos os alunos e então ele me mandou resolver isso, eu disse que não tinha problema pois havia um amparo legal, pois a lei 5692, dava brecha a questão do calendário da colheita, do plantio. E ele foi junto comigo e, entrando na sala perguntou ao Secretário Municipal qual seria o problema e ele mandou o secretario dele trazer uma caixa de lápis, caixa de borracha, e blocos e disse eu só tenho isso e não posso terminar o ano letivo, e a reação do Valter foi hilária, ele simplesmente pegou a caixa de lápis e começou a quebrar no meio e a repartir borracha e bloco, e entregou nas mãos dos secretário. E ele teve que prosseguir com o ano letivo.

Outro dado quando nós entramos na secretaria,

eu e a Tidinha tínhamos um compromisso político com a educação nem era com o Valter muito menos com o Marcelo Miranda e a gente tinha autonomia e nós pegamos uma fase que era muito divertida, e tínhamos que diminuir o efetivo de Secretaria de Educação, pois havia muita gente, então era para enxugar o cargo e encontrar os materiais que sumiam, então foi feita uma vistoria muito questionada, pois falavam que era invasão de privacidade e eu disse que eu não discuto isso pois aqui é um órgão público e não deveria ter chaves particulares o que tem aqui é público e da sociedade. E aí achamos coisas já em sindicância dentro dos armários das salas e eu baixei uma norma que todos os técnicos da secretaria tinham que ter uma turma na escola pois ninguém iria discutir educação sem conhecer a sala de aula. A evasão do ensino médio era uma coisa desastrosa, uma pesquisa já mostrava toda a farsa que era a divisão do estado MS, e alguns políticos queria ter o controle deles, o monopólio deles, uma coisa muito mais fechada, centralidade e controle maior do poder, uma estrutura política que a gente vive até hoje no Estado o mais curioso é quando nós tivemos a divisão do estado e a implantação em 1989 do Instituto, o estado uno desde 1976 não vinha fazendo manutenção nenhuma do sul do Mato Grosso, não abria concurso para professor, os professores se aposentavam saíam e ninguém era chamado para o lugar. Se você pegar o primeiro plano dava um diagnóstico

perfeito. Grande parte do ensino médio em Mato Grosso do Sul funcionava com 1 professor o curso inteiro e a escola caindo aos pedaços. Tanto que quando da eleição do primeiro governador Wilson Barbosa Martins, e o seu secretário Leonardo Nunes, foi muito interessante, pois não tínhamos em Mato Grosso do Sul com a criação da capital uma cobertura para a demanda do ensino médio e até o primeiro grau. Uma escola chegou a funcionar em quatro períodos, chegando muita gente no estado e ele não tinha estrutura não tinha nem propriedade, os prédios públicos eram alugados. No governo Pedrossiam atrasava 9 a 10 meses os salários dos professores. Defendendo que a escola pública é viável, melhor que a escola particular. A gente teve vários embates, pois a pressão política foi muito monstruosa, e os políticos tinham que acabar com o instituto rapidamente pois os alunos eram selecionados, quem indicava era a escola, tudo foi criteriosamente pensado, o professor não era lotado no instituto ele era avaliado, professor tinha que estudar ele não ia adotar livro e tinha de elaborar apostila. Ela passa pela avaliação, e as pessoas tem que botar na cabeça que serviço público não tem só porta de entrada tem também uma porta de saída. E por isso que virou o que virou, os grandes embates que eu tive com o Biffe foi isso, pois ele dizia que era uma escola elitista, e eu dizia a escola pública tem que ser elitista. Se os alunos não tem acesso ao saber se ele não tem acesso a certo domínios

básicos ele jamais vão ter poder para sobreviver nesta sociedade discriminatória, por que eu não faço parte daqueles que se alinham para dizer que pobre não tem direito, que pobre não tem acesso, muito pelo contrário, acho que a condição existencial embora seja um produção social ela pode ser motivadora como ponto de superação. Nesse período eu virei secretário de educação. Não foi fácil, mas não foi impossível foi uma coisa salutar, e obvio o que move a gente é acreditar que vai ter uma brecha e as coisa vão mudar. Em todo regime democrático as regras tem que ser claras. As regras foram muito claras, num sistema democrático tem ser assim, para a gente saber que todos tem que fazer não só uns, e eu acredito que nesse projeto as regras foram muito claras, tinha a questão da avaliação, tinha a questão da avaliação pedagógica, foi a primeira escola em termos do Brasil que teve um projeto pedagógico. Tem uma questão que não é pelo fato das condições que o professor não vai planejar um boa aula, pois o aluno não pode ser vítima desse processo, ele já é vítima pela sua natureza, o que a gente sente hoje, até dentro das faculdades, as pessoas não tem compromisso nenhum a gente foi perdendo alguns valores que a gente acreditava que poderiam permanecer. Eu não diria que isso foi um ideal, eu diria que isso foi um real e a gente conseguiu avanços e mostrar a realidade do estado. Então por ele ter sido curto não precisamos avaliar se ele foi bom mas,

recuperar um pouco essa memória, ele teve uma vida tão curta que fazer uma que ele deu certo eu acho que não precisamos mais, , mas fazer uma leitura o que ele, essa vinculação com o instituto o que isso contribuiu com a formação, com a cidadania através de um material concreto que a gente teve e que por interesse políticos sem a uma nenhuma noção foi instinto

Havia a necessidade de a escola ser extirpada, porque, veja, isso não é uma análise ideológica, até hoje a gente vive num estado de economia primária quando eu cheguei aqui a moeda do estado era o boi, tanto faz o grande latifundiário ter 120.000ha ou 120 ha ele só vai ter um peão. É necessário que a gente tenha uma leitura dessas relações, por exemplo, o que é realmente o desenvolvimento de três lagoas, uma questão pontual, segundo o outro governo era o desenvolvimento regional, o governo agora disse que vai descentralizar a indústria. E todos nós sabemos que, como pesquisador da área de educação e trabalho, que três lagoas se desenvolveu porque o incentivo do estado de São Paulo acabou, até hoje tem ônibus que carrega de São Paulo pra Ca. Quando fui pesquisar as condições dos trabalhadores em loco, vi as condições precárias dos trabalhadores, não tinham nem formação, a pessoa que vinham de São Paulo atropelava pela qualificação. Os incentivos dos recursos do amparo do fundo do trabalhador para construção de um matadouro em Água Clara, se vocês forem para

aquela região, antes de chegar no posto da Policia Rodoviária tem um matadouro, e a gente ia em loco, eu era responsável de pesquisar o RH, e eles recebem incentivo do estado em contrapartida da emprego para as pessoas que moram no estado. Após receberem áreas e outros benefícios verifiquei, é curioso, não tinha nenhuma pessoa de Mato Grosso do Sul, pois diziam que não tinham porque todos eles gostam de ficar tomando terere, todos os nossos funcionários são do interior de minas. E o questionamento era esse houve o incentivo fiscal, voltando a três lagoas, biscoito Zxxx, quando eu estive La gostaria de saber porque eles queria qualificar 140 trabalhadores quando eles tinham uma demanda para 32 ou 33, ai o pessoal dos recursos humanos disseram que o trabalhador daqui não ficava mais que 10 dias, então nós já qualificamos mais, pois eles não tem uma cultura operaria, eles tem uma cultura pastoril. O conjunto dessas relações que vão se criando quando você tem aqui o cultivo do desenvolvimento da cana essa brigalhada para chegar até na beira do rio pra detonar com tudo, a gente tem que entender que isso está num jogo muito mais amplo, nós estamos num estado de fronteira onde os trabalhadores não estão organizados, a indústria alcooleira é uma piada porque os proprietários são coronéis do nordeste, a exploração é um caos. Você tem o problema da droga, os trabalhadores usando droga para poder colher uma tonelada por dia para

ganhar em torno de 5 reais 10 reais por dia, então você tem um estado altamente injusto e ele não dá espaço pra ninguém, então por exemplo a gente vem estudando várias coisas dessa ordem sobre a violência, o que é a violência na escola hoje, o que explica isso, historicamente, porque aconteceu ou está acontecendo, isso não é um problema da escola pública acontece também na escola particular. A questão também da forma da Secretaria de Educação do Estado, quando a secretaria há dois anos baixa um portaria dizendo que todos aqueles que são homossexuais tanto masculino como feminino vão começar usar banheiro de professores, que dizer que valor é esse que o estado está dando, quando você tem umas demandas muito maiores que é o acesso ao conhecimento. Agora, uma coisa eu tenho muita clareza tinha que acabar com o projeto porque jamais poderia formar alguém que tivessem condições críticas que fizessem o embate com essa palhaçada que até hoje está aí. Acho que tinha que matar no ninho não tinha que matar depois. Partir do princípio que a educação é um projeto de estado não de um partido político, eu acho que isso e que vem avolumando sempre é o partido tal que vai fazer isso o partido tal que vai fazer aquilo, num momento que a gente não tem nem um partido, a gente tem um oportunismo. Outro aspecto a ideia de que a escola tinha estrutura, mas também o diferencial era a relação que os alunos e os professores estabeleciam entre



si. Isso é que era importante, isso fazia todo mundo sair à noite e não ficava cansado. Você tira o aluno La da sua casa e levava para um espaço que de repente parece um monumento, que estabelecia outras relações, e vocês trazem um coisa legal que é esse vínculo que você vai construindo a partir do meio que você está sendo inserido e que proposta você está fazendo. Dinheiro para a educação tem a Torto a direta e o que a gente não tem é uma gestão adequada que atenda as demandas da sociedade, recuperar um pouco este processo, talvez não para nós, mas para outros que virão e terão acesso a este estudo e verão que a gente tentou e conseguiu e por motivo que fugiu da nossa alçada acabou, mas que permanece presente para todos nós. Como reconstruir parte dessa história de vocês neste processo, como poderia tentar coletivamente, buscar este registro, dar uma ideia de que foi esse processo, aqui no estado você não tem um projeto, então, não tem porquê a criança ficar na escola de forma integral. Hoje é um caos, uma produtora da violência. Não tem sala, um pouco na quadra outro na sala, ainda bem que não temos várias escolas integrais por base dos políticos, senão a criança ia parar de falar de caminhar e até de correr. Se fomos fazer uma pesquisa a não defendo que a aprendizagem só acontece na sala. Se você for visitar outros países a média hora/aula semanal não ultrapasse 17 horas, essa ideia que tem q ter uma carga acentuada em sala de aula e uma

ideia bem Carmem Miranda, bem brasileira, a formação do aluno não é só na sala de aula, tem biblioteca, sala de informática, tem laboratório.

## Participante 2: Prof. Dr. Antonio José Filho - Coordenador Geral do Instituto de Educação de Campo Grande

Como Coordenador Geral tive que preencher alguns requisitos exigidos para ocupar o cargo no Instituto, primeiro é que tinha que ter dedicação exclusiva então deveria ser coordenador, mas que tivesse também outro cargo o cargo de professor, e com esses dois cargos e ficariam a disposição da Coordenação Geral do Instituto, havia na época dois professores que tinham essas condições, eu o professor Valdir. Aí fui escolhido pela questão de na época já ter mestrado mas poderia ser ele também, então recebi essa incumbência passe também por uma entrevista, pela Diretora, e a partir daí assumi a seleção. Então fiquei preocupado com toda aquela responsabilidade, e principalmente a minha preocupação maior foi com o coordenador da área de ciências e Matemática. Logo de início A professora Aide aceitou a coordenação de Letras, Línguas, e artes, a Maria Luiza, muito competente havia chegado de São Paulo e foi Coordenadora de Estudos Sociais, mas eu fiquei com uma preocupação na área de Ciências e Matemática, tem um grupo de professores que chegaram Ali e eu achei difícil um coordenador somente com uma formação

pedagógica assumir essa área então fiquei Procurando. Como eu conheci o professor Euro Nunes Varandes o e sabia que ele era professor e coordenador da área de Ciências mas que estava de licença, veja só, licença prêmio por seis meses, aí conversei com ele e consultei sobre a possibilidade de interromper a licença, e em conversa com a Secretaria de Educação eles me informaram que se ele aceitasse tudo bem. Então ele interrompeu a licença para assumir a coordenação de Ciências e matemática, assim foi nosso trabalho a seleção de professores, o início quando ainda não tinha o coordenador de área eu convidava os outros professores para fazer a seleção depois com o coordenador de área assumia essa presidência da seleção como os outros professores que viriam. E Quanto a mim eu dediquei ao máximo foi uma dedicação exclusiva mesmo, tentando de todas as formas atender as necessidades dos alunos, pois os alunos que chegavam no Instituto eram alunos que queriam estudas mesmo, então a seleção feita na escola e agente pedia para os diretores que fizessem a seleção na escola não apenas pelo nota, mas aqueles alunos que queriam estudas, eu passe apuro com determinados professores que as vezes eram selecionados não davam conta do recado então fomos obrigados, pois a lotação era feita na escola e não no instituto então estava no instituto de certa forma usando aqui o termo, cedido, pois a lotação dele era na escola se ele não desse conta, ou

então não aproveitasse as 22h, por que o professor era contratado por 44h, dois períodos, um período era para estudar para melhorar a sua competência na disciplina e competência técnica também, então ele tinha que estudar se ele não preenchesse esses requisitos: não quisesse estudar, não desse conta, se houvesse muita reclamação então a gente tinha plena liberdade para devolve-lo para a escola. Foi assim o meu trabalho estar acompanhando esse trabalho dos professores reunindo com os coordenadores tentando de certa forma apreender também pois era um projeto nova inédito e gente não sabia no que ia dar, eu só penso que hoje a gente teria aprendido muito, seria algo assim hoje de referência para a educação no estado se tivesse continuado.

### Participante 3: Ex-Aluna V. H.

Hoje eu sou Psicóloga, mas eu fiz jornalismo eu fui da primeira turma do máster, fiz mestrado em educação hoje eu atuo como psicóloga dou aula em pós-graduação em psicologia e dou cursos e palestras, e sou mãe de duas filhas lindas.

Eu tava incongruente, tenho duas filhas uma delas vai para o ensino médio e eu estava procurando uma escola e nenhuma prestava. E eu agora me dei conta que eu nunca vou achar porque eu quero achar o máster pra ela, eu achei que a melhor pra ela era uma do SESC no rio de Janeiro, de MS sai 3 por ano, e fui ver era uma réplica do máster, eu não vou achar para minha filha aqui. É muito triste, nós estamos falando de escola pública, mas se falarmos de escola particular, se pegarmos todas as escolas particulares de campo grande não tem nenhuma que oferece o que o máster oferecia, que era. Hoje minha filha estuda na melhor escola, todos dizem, de campo grande, integral, mas um integral que a pessoa fica la massacrada, e o máster não, você ia 7 da manhã e sai a noite e tinha que ser empurrado da escola pois todos queriam ficar, você tinha teatro, dança. Nem droga, parece que não dava tempo. Hoje você pode até ter uma escola integral mas é uma escola massacrante.

## Participante 4: Ex-Aluna A. S.

Hoje eu sou professora especialista em mídias na educação, sou especialista em língua portuguesa. Sou formada em letras pela Universidade federal (UFMS) e sou da turma de 89 dos primeiros dos primórdios atualmente estou lotada na secretaria de Estado e Educação, como professora de língua portuguesa, mas hoje estou cedida ao Núcleo de Tecnologias Educacionais de Campo Grande. Hoje atendemos 82 escolas voltada em tudo que é voltado a tecnologias nas unidades escolares e trabalho nesta unidade aqui ao lado então estou aqui todo santo dia.

Eu vim de um bairro e moro lá até hoje, faz 40 anos, o bairro Piratininga, era um dos piores do Estado, gangues, mortes eu presenciei várias, eu era uma pessoa que não tinha perspectiva se não fosse o projeto máster hoje, não desmerecendo ninguém, hoje eu seria um lavadeira, ou desculpe o termo, tornar-me uma prostituta, como colegas do bairro e colegas de sala. E o máster me puxou pelo cabelo meu deu uma perspectiva de vida que eu não tinha, nos saímos de lá já no final do 3 bimestre de outubro 89, me lembro da inauguração, o máster me fez sair de uma inércia e fez estudar. Fui da primeira turma e no final reprovei. Pois tinha dificuldades na área de exatas, hoje trabalho na área de humanas. Se não fosse o máster

eu não teria feito um vestibular, pois não teria condições de pagar uma universidade particular, só entraria se fosse pública federal, pois não havia estadual em campo grande. Pois sou a mais velha de 3 filhos, pai construtor, mãe lavadeira, eu tive perspectiva, passei na Universidade Federal não no primeiro vestibular, porque houve uma mudança na prova, a somatória, no outro ano voltei pra o máster e fiz o cursinho e passei no vestibular a minha redação foi a 2 melhor redação do estado, lógico que química e física mais ou menos, em compensação gabaritei língua portuguesa e tudo isso devo ao máster. Sem contar que meus melhores amigos são ex alunos do máster e são frequentadores da minha casa, nós criamos nossos filhos juntos eu guardo os uniformes até hoje, foi o máster que me tirou da inércia, poderia ser qualquer coisa, menos uma professora de letras formada pela Universidade Federal, concursada em 40 hora pelo município. Eu tive que acordar de uma escola que também era publica mas que não me dava perspectiva, pois na escola de origem, eu achava que sabia, a última media da escola de origem era 9 e a primeira no máster foi 2, 5 que foi português porque gosto, e matemática eu tirei 1, eu só passei porque já era o 4 bimestre e a minha media já havia me aprovado, porque se dependesse das novas notas do máster tinha reprovado. Foi la que eu acordei que eu tinha que estudar, ou fazer o que alguns colegas fizeram no ano seguinte, voltaram para a escola



*Marcelo Correa Pires*

de origem. Pois essa realidade, eu penso que a escola integral, não a que temos hoje, porque temos 2 com ensino médio inovador o aluno foi jogado, não teve plano não teve meta. A educação pública esta a deriva hoje, eu acompanho.

## Participante 5: Ex-Aluna A.K.

Sou A. K., não sei se sou da primeira ou da segunda turma sou formada em educação artística, dei aula um tempo não gostei da área de educação. Trabalho tenho a oportunidade de trabalhar na Universidade como prestadora de serviço e atualmente com os projetos pedagógicos da UFMS.

## Participante 6: S.V.P. Ex-professor e Diretor do Master

Meu nome é S.V.P e eu tive a honra de participar de um dos maiores projetos de educação do nosso estado que marcou época e será sempre lembrado. Eu comecei a dar aula no colégio Dom Bosco onde fui formado, eu terminei o ensino médio no colégio Dom Bosco e comecei a dar aula nele no primeiro mês de faculdade. Mas eu só fui entrar na rede estadual eu fiz algumas substituições mas eu passei no concurso na década de 90 eu tomei posse em março de 1990, e como eu passei em primeiro lugar no concurso para professor de física eu tive a oportunidade de poder escolher onde é que eu gostaria de me lotar e só havia uma vaga de professor de física no instituto de educação e eu pedi para ir para o instituto de educação e o engraçado é que quando eu escolhi o instituto de educação, a secretaria de educação da época, ela me disse o seguinte olha professor o senhor não quer escolher uma segunda opção, e eu falei mas porque , é seguinte lá no Instituto de Educação só passar no concurso não é suficiente para garantir que o senhor vai trabalhar lá então escolhe uma segunda escola porque o senhor vai ser encaminhado para uma seleção lá . E eu fique meio apreensivo mas eu

falei para ela não, eu vou escolher só no instituto mesmo tenho certeza que eu vou passar nesta seleção e eu vou trabalhar lá eu não escolhi nenhuma escola não fiz uma segunda opção e me apresentei na escola na semana que antecede o início das aulas eu jamais vou me esquecer , professor Antônio, eu jamais vou me esquecer da minha seleção, eu estava diante de uma plateia extremamente seleta os melhores coordenadores da nossa cidade e os maiores professores da nossa cidade e eu nunca vou me esquecer da figura do professor Euro Nunes Arantes ele sim , se eu sou uma professor razoável eu devo muito ao professor Euro, professor Euro falou para mim: - escolha um tema e nos de uma aula por favor , eu nunca tinha sido sabatinado desta forma dando aula para uma plateia que naquela ocasião eu não fazia ideia de quem eram aquelas pessoas eu fui apresentado para umas duas três olha essa aqui é a diretora esta aqui é a diretora adjunta este aqui é o coordenador geral professor Antônio e eu sou o coordenador professor Euro e as outras pessoas eu não fazia ideia de quem eram depois eu fiquei sabendo quem eram. Meu Deus lá pelas tantas eu comecei a dar aula uns quinze minutos depois o professor disse pode parar falei pronto dancei, não, nós gostamos muito da sua aula mas a gente queria te dar algumas orientações para que você pudesse, pra que você realmente melhorasse ainda mais a sua pratica eu nunca mais esqueci dos concelhos do professor Euro, foi uma honra eu posso dizer que eu

comecei a minha carreira na rede estadual com o pé direito. Eu fiz realmente a melhor escolha hoje eu sou professor de física, hoje estou lotado na escola estadual Consuelo mulher, aqui na vila Jaci com vinte horas aula que sempre foi minha lotação, eu sempre fui professor meio período em sala porque eu tenho uma outra profissão também eu sou técnico em eletrônica e técnico de informática então é uma imensa honra ter podido começar a minha carreira no estado com vocês posso dizer que jamais vos esquecerei jamais não só aqueles com quem eu convivo quase que diuturnamente mas com todos vocês foi uma imensa honra ter convivido com vocês aqueles anos que nós passamos juntos no instituto de educação. Um aspecto que eu preciso falar foi quando eu fui diretor, comecei como professor, no início do desmantelamento. Nós tínhamos autorização do conselho para funcionar de dentro de um determinados moldes e tivemos de engolir goela abaixo as mudanças que o governo que entrou queria implantar na rede estadual, uma delas o processo de eleição. Uma coisa existia muito na escola no Instituto a presença dos pais e a organização dos alunos isso não vemos mais na escola, nós tínhamos um grêmio estudantil ativo, participativo que fundamental para o bom andamento e bom funcionamento, da escola. Como diretor contei com apoio dos das duas instituições APM. Desde aquela época não se via essas instituições funcionando, no

instituto funcionou e foi importante e gente precisa resgatar. Talvez precisava da fala dos pais. Uma vez cheguei e vi dois vasos grandes e fiquei sabendo que foi um pai que fazia parte da APM, eu pergunte quem pagou ele disse ninguém eu passava e achei que faltavam um vaso verde, e espontaneamente trouxe dois grandes vasos e colocou na porta da escola, onde e que vocês viram isso acontecer, só no Instituto, os pais contribuíram espontaneamente.

## Participante 7: S. D. J. A. Ex-aluna

Eu sou Silmara, vim no segundo ano eles vieram no primeiro e assim a gente tem muita saudade do projeto e das pessoas acho que é um período que marcou muito na vida de todo mundo a gente estudava o dia inteiro fica o dia inteiro, tinha laboratório a gente estava olhando aqui e até se emociona porque a gente dançava aqui o pessoal da dança também, então eu acho que é assim foi um projeto completo eu hoje por mais que o pessoal diz que tem estes projetos que a gente vê, não sei se é porque a gente sempre acha que o da gente foi melhor porque o da gente a gente viveu aquele momento mas eu nunca mais vi nenhum parecido atualmente a gente tem uma loja sou empresária, eu fiquei quinze anos em um Banco fiz administração de empresas e agora eu tenho a loja e tenho duas menininhas uma de nove anos e uma de sete.

## Participante 8: E. A. Ex-aluno do Master

Meu nome é Eder a gente veio para o instituto e 1990 a gente foi da segunda turma de 90 a 93 refletindo em cima do que o senhor falou pelo menos o que eu percebi muito a gente tinha uma vivencia, eu sempre estudei em escola pública desde meu primeiro ano. Teve um ano que eu estudei no período intermediário que foi a primeira vez que eu escutei alguém falando neste período que você entrava na escola 15 pra meio dia e saia duas hora da tarde. Quando a gente veio para o instituto era um diferencial muito grande por que era uma escola que dava para gente uma base que a gente não via na escola do bairro, a gente podia ter um laboratório a gente tinha professores que tinham tempo para ensinar a gente. Você via você estava na sala de aula estudando e a tarde você via o professor em uma sala preparando a aula do outro dia quer dizer eu via isso como diferencial atualmente eu me formei em administração sou bancário já tenho 15 anos de banco mas pelo menos o que me marcou muito foi a turma o pessoal que veio pelo fato de ter feito uma pre seleção e da escola que nos estudávamos acho que veio dez no primeiro ano houve sim um pre requisito para você vir, você tinha que ser considerado pelo menos uns dos melhores da turma era



*Marcelo Correa Pires*

um quesito, que você tinha que ter nota, você tinha que ter comportamento. Então isso eu via como um diferencial muito grande quando a gente chegou aqui eu vi isso que você estava sendo preparado para alguma coisa e para mim foi muito valido mesmo.

## Participante 9: J.D.L. Ex-aluna do Master

Eu sou da segunda turma também e hoje eu posso dizer que eu me orgulho muito em ter participado deste projeto por que a gente sentia muito a gente que veio do bairro porque a escola do bairro era diferente e nos sentíamos muito orgulho de fazer parte do projeto com as amizades com a pessoas que nos conhecíamos mas não era só oba fica amizade e quando a gente se encontra a gente sente saudade por que a gente se sentiu reconhecido e os alunos da escola estadual também mereciam ter um projeto da forma que foi feito o máster então hoje é emocionante falar por que a gente não vê muitas amizades não vê laboratórios como nós tínhamos grupos de estudos, a gente vinha e tínhamos vontade de ficar durante o dia porque não era fácil , quem pegou Noel e uma turma ai, mas a gente sentia vontade, as pessoas , a gente estava junto para brincar para estudar e no outro período a gente tinha a biblioteca que era um diferencial e sempre tinha aqueles alunos que estavam ali fazendo grupos de estudo e aquelas pessoas que brincavam mas também estavam ali para te ajudar então assim era muito gostoso e então tinha aula de dança tinha coral teatro aonde que na escola pública a gente ouvia

falar nisso e lá fora quando se ouvia falar do Joaquim Murtinho por que tinha estas rixas ne a gente sentia orgulho de sair com aquele uniforme e estudávamos muito nos saímos daqui não fizemos cursinho e passamos na faculdade eu me formei em serviço social também fui bancaria durante quase quinze anos e hoje a gente tem a empresa então realmente eu acho que deveria ter prosseguido a gente infelizmente nos anos posteriores acompanhamos esta decaída e o máster ir acabando e foi uma pena realmente, mas que bom que sobraram muitas amizades e muitas coisas boas.

## Participante 10: M.A. Ex-aluno

Fiquei muito feliz de chegar aqui e ouvir o Suintila falar quem sempre foi um exemplo pra gente como professor. A gente lembra do trabalho dele no Instituto de Educação e ouvir os colegas falarem e a professora Tidinha que foi diretora em minha escola de origem no Aparecida Pedrossian, Dolor Ferreira de Andrade, ai passa um filme como o professor falou, na cabeça da gente. A gente começa a lembrar tudo que aconteceu e chegar a uma conclusão: este projeto, o Instituto de Educação mudou a trajetória da minha vida. Tem um professor do meu filho que diz que a educação é um projeto da família e eu acredito nisto mesmo, a formação da minha família, dos meus pais era para que eu seguisse um outro rumo na vida pelas perspectivas que eles tinham, pelas limitações até intelectuais que eles tinham, meu caminho seria outro do que eu tomei hoje. Sou médico Cirurgião Geral e Urologista, quando eu cheguei no Instituto de Educação, faço parte da primeira turma, eu fazia um curso preparatório para o colégio militar durante o dia e a noite eu estudava no Dolor Ferreira de Andrade, e chegando próximo do final do ano surgiu um boato então que estava surgindo um colégio novo, que ia ser um projeto legal, interessante, um colégio diferenciado, da forma que o professor falou se falava nas escolas, que

seria um colégio de elite, se falava desta forma mesmo interessante. Eu procurei saber mas a gente era muito novo ainda então não tinha muito discernimento do que seria este colégio e a gente foi jogado digamos assim num colégio todo novo todo bonito com anfiteatro grande uma quadra no fundo de futebol, biblioteca, laboratório um negócio que enchia os olhos. Eu tinha 14 anos na época, eu entrei e vi aquele negócio todo bonito todo arrumado e falei que negócio legal. Aí começou a primeira semana, aí foram várias avaliações, porque o professor quando ele chegou estava também meio perdido por mais que ele soubesse qual era o projeto e como ele iria se desenrolar, ele não entendia, por que até setembro ele estava trabalhando em outra escola, aí de repente vem um monte de alunos que eles não conheciam. Um estudava na Mata do Jacinto, outro na Moreninha, o outro no Joaquim Murtinho, cada um com um nível de conhecimento e intelectual diferente. Foi assim uma coisa bastante complicada no começo, mas foi legal a gente estava ali, era novo tinha 14 para 15 anos. Acabou aquele primeiro ano de 89 entramos de férias e quando nos retornamos a aula foi aquela surpresa também porque começou a vir gente de todo lado e várias turmas aumentaram. Antes tinha um grupo muito pequeno, cresceu a escola com outros professores, também a gente começou a ter mais contato com os professores, principalmente, da área de exatas e

biológicas que eu acabei me identificando mais, fazendo amizade com os professores de física, com os professores de matemática e biologia ai conheci um professor que foi muito importante para gente como grupo e uma grande parcela dos alunos deve bastante a ele não só da parte intelectual mas da parte de formação de vida mesmo, que foi o professor Nicola. Professor Nicola Cano, ele deu um show, ele foi professor, foi amigo, foi parceiro e até a gente se emociona quando lembra destas pessoas que foram tão importantes em nossa vida. E eu acho professor que o termino do projeto, do Instituto de Educação como projeto em si de educação, de formação e de preparo e de elevação do nível de educação pública do nosso Estado, que era o projeto inicial e a intenção de todos vocês que estavam envolvidos no projeto, foi por medo de construir uma escola pública de qualidade, formar profissionais, formar pessoas que sairiam para o mercado de trabalho, que sairiam para vida com uma formação mais completa e que sairiam de uma escola que eles não pagavam um real para estudar. Entendendo um pouquinho da história de educação que vocês nos proporcionaram, por que a gente vivia aquilo ali como aluno, os alunos participavam ativamente da escola participavam de oficinas de coral, canto, dança e teatro que muitos até levaram para sua vida posteriormente. Me recordo que eu não participava das oficinas mas eu vinha aqui assistir as meninas dançarem eu vinha aqui assistir

várias peças. Os alunos naquela época, as primeiras peças que eles assistiram na vida assistiram de alunos de colegas de dentro da escola. Libertar a pessoa criar o cidadão, lhe dar condições de liberdade, de escolha e de conhecimento. Conhecer que tem aquelas possibilidades na vida, a nossa educação principalmente a educação pública hoje é uma educação ditatorial ela limita, ela aprisiona o aluno por falta de recurso, por falta de condições, por falta de interesse público, esta é minha impressão, posso estar equivocado, mais acredito que é por ai eu agradeço a oportunidade de falar aqui pra vocês.

## Participante 11: J. Ex-aluno

Tenho a mesma origem do Marcelo Arruda no bairro Pedrossian, ela que apontou o dedo e mandou para La, a Tidinha, somos pessoas melhores de quando entramos na escola, uma coisa que a gente sempre conta e nossos filhos escutam e que a gente vinha as 7 da manhã e ia embora quase 11 horas da noite. passava o dia todo na escola a grande maioria, não tinha refeitório, nos comíamos bolacha e suco e o tio da pipoca, então foi fase da minha vida que eu passei e agradeço muito a oportunidade foi muito engrandecedor tenho grandes amigos até hoje pois convivemos depois de 20 anos, somos amigos de ir em casa de conhecidos educar nossos filhos juntos e uma turma que sempre ESTA JUNTOS JÁ FIZEMOS UMA FESTA DO MASTER QUE REUNIU MAIS DE 300 PESSOAS DE EX ALUNOS, TIVE Oportunidade quando eu estudei aqui fui professor de espanhol substitui a professora Julia na época deia aula para 1º, 2º 3º anos do ensino médio até para o cursinho, na época eu tinha uma fluência boa devida a origem da família, fui professor de vôlei. Lá eu tinha tudo, eu tinha amigo, eu tinha educação eu tinha um lugar bom pra ficar, e eu acredito que se eu não tivesse a oportunidade de vir para cá acho que teria tomado um caminho diferente e ter ido para um lugar não muito bom.



Muito dos nossos se tivesse ficado na escola de origem não tinha o que tem hoje, não seria o que são hoje, a minha história com a escola e maravilhosa muito aprendizado. Sinto muito pelo governo ter cortado, realmente para o governo não interessa educação que o povo seja menos alfabetizado é melhor, eu colocaria minha filha hoje se o projeto voltasse por que sei da qualidade, sem de tudo que eu passei e ela iria gostar muito tivemos muitas viagens, o professor Nicola era pai, a gente ia pra casa dele sexta feira e e sai no domingo à noite ou quando não vinha da cada dele direto para a escola na segunda, um grande amigo que a gente tem, professora Lucia, professora Abigail, parabéns pela iniciativa que isso desperte La na frente, acenda a luz de alguém mesmo que seja um político que queira aparecer que faça alguma coisa, que repita, que de o retorno que ele use a imagem mais que ele produza que faça alguma coisa pela educação eu acho isso muito bom.

## Participante 12: E.S.F -Ex-aluna

Sou formada em educação física só que não exerço a profissão, trabalho nos correios mas a escola me deu tudo o que tenho, eu tenho muito orgulho de falar que eu estudei no Instituto de Educação de Campo Grande, primeiro porque era um estudo muito bom, professores ótimos e a amizade que fizemos, já são mais de 25 anos e formamos uma família bem grande, perdemos contatos mais estamos unidos a escola pública deve muito, um dos motivos que eu desisti da minha profissão e porque o professor não e valorizado , minha filha que e uma adolescente ela não sabe o nome do seu professor de educação física. Isso já estamos em novembro. Quando eu dava aula a diretora me dizia da bola para as crianças, eu dizia isso não e dar aula eu não me formei em uma universidade para jogar as bolas para as crianças e dizer vocês se virem, vocês não estão formando cidadãos, então eu desisti da minha profissão por causa disso e eu espero que realmente acenda uma luz e que alguém possam voltar com um projeto desse, pois as escolas tem bastante projetos minha filha participa de projeto só que eles não são como era o Master, aquela época deixou saudades.

Participante 13: Profa. Me A. M.  
Ex- Diretora de  
Desenvolvimento Educacional

Fui muito tempo professora, coordenadora diretora trabalhei na secretaria trabalhei muito tempo na escola e a gente foi junto com professor Antônio quando a gente assumiu a secretaria em realmente trabalhar com o projeto então para nos foi uma importância o professor está colocando a gente sentou e depositou no grupo para poder planejar pensar no encaminhamento tanto com professor Osorio como com toda equipe de trabalho do ensino médio pra que a gente pudesse propor a proposta acho que valeu a experiência a gente sentiu muito quando acabou mas acho que ficou o resultado isso que o professor colocou foi importante em relação e a gente tinha bastante consciência na época que em relação ao ensino o médio em relação a uma escola normal ou magistério já tinha um programa Nacional um projeto nacional que foi o CEFAM que também foi na nossa época que nos implantamos então foi o CEFAM então existia um projeto nacional no caso específico do ensino médio não existia em relação ao uma proposta maior existia, existia discussões teóricas que propunham reformulações discutia quando eu vejo ainda hoje pessoal do pacto do ensino médio discutindo a questão da evasão

do ensino médio já existia discussão desde a década de 70 80 então a gente tem uma história eu acho que foi importante e pra mim é importante quando eu vejo os aluninhos da gente esse grupinho que passou gente que foi lá . Agora hoje nos estamos na universidade e a gente continua ainda acreditando na educação e ainda trabalhando juntos na escola pública priorizando a escola pública.

## Participante 14: A. Ex-professora do Master

Sou professora de língua inglesa e ainda estou no máster ou seja faz 25 anos que estou no mesmo lugar só eu e o professor Lucia Gazal. E fiquei feliz em rever ex-alunos pois agora são profissionais de sucesso, muito obrigado, pena que acabou e deixou muita saudade agora está muito diferente, vamos torcer para a escola melhorar.

## Participante 15: V.L.P. Ex-professora

Eu faço parte do melhor grupo nos costumávamos brincar que nos dos estudos sociais eram os melhores e maiores. Em 2012 o Marcelo entrou em contato comigo sobre o máster e eu fui relatando, sobre a excursão, quando eu lembro que nós fomos para o pantanal com 9 ônibus eu dei um cheque na Andorinha equivalente a esses nove ônibus no dia seguinte correndo para cobrir o cheque. São coisas que a gente faz por amor aos alunos pela educação, com barracas, em pleno maio, foi um período muito bom agora estou aposentada a três anos. Como que eu entrei no máster, eu tenho o magistério e tinha o curso da OMEP eu dava aula pra pré-escola e no município dava aula de geografia, e passei pela seleção e entrei fiz o concurso de 5ª a oitava, Pra gente foi um desafio eu era bem mais nova, com menos experiência e aconteceu um fato interessante, um dia eu recebi a nova supervisora no município que foi minha aluna no Máster. O projeto máster foi uma coisa muito marcante que infelizmente não poderia ter terminado apesar do cunho político que houve, nos professores tínhamos que pegar nosso carro ir no escritório do Valter pereira pegar papel para terminar rodar as apostilas, e a gente fazia com o maior prazer. Na escola dita normal

*Marcelo Correa Pires*

marca reunião todo mundo reclama, no máster era marcada reunião aos sábados e todo mundo estava La feliz da vida ninguém contestava, reunião sábado à tarde sábado à noite todo mundo ia porque era um grupo gostoso, assim como os alunos tinha o prazer de estar lá nós enquanto professores também.

## EPÍLOGO

A partir do referencial teórico adotado, faz-se necessário perceber os processos históricos e sociais de longa duração que permitiram que as necessidades humanas fundamentais, como é o caso da escolarização e do acesso ao saber capaz de instrumentalizar o homem em suas práticas culturais, se tornassem meras probabilidades e estatísticas, enfim, apenas estratégias de Governamentalidade, uma Biopolítica, conforme Foucault, a arte de governar e conduzir os interesses da população, em seus mínimos detalhes para ser possível o máximo de controle da sociedade, das Instituições e dos sujeitos em particular.

Esse estudo foi fundamental, pois, vem servindo para o Curso de Doutorado como o fio condutor da pesquisa em andamento, estudando a partir das Reformas do Ensino Médio, historicamente constituídas, chegando na atual legislação a Lei 13.415/2017, sob novos discursos e velhas práticas na definição de Políticas Educacionais.

O estudo do Biopoder definido por Foucault (2008, p. 4) como um “conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder”, é imprescindível para a constituição do campo de análise deste estudo, que se desdobra em Disciplina e Biopolítica, fundamental para o



desenvolvimento da nossa sociedade capitalista, por suas diferentes facetas.

Nesse sentido, as pistas deixadas por Foucault permitiram na pesquisa do Mestrado, e o estudo agora Doutorado, sobre o Ensino Médio em Mato Grosso do Sul, analisar os dispositivos, saberes e as condições que estabeleceram os limites da Governamentalidade no desenvolvimento dos processos educativos deste estado.

Em verdade, é imprescindível que se levantem as condições históricas, a fim de ser possível perceber as determinações sociais que fizeram surgir a vasta gama de números e índices apresentados, que circulam como verdades, servindo para fundamentar estratégias, técnicas e programas políticos, sistematizando intervenções em esferas distintas da sociedade, como o trabalho, saúde e a educação.

Dessa forma, ao invés de procurar fazer um juízo de valor sobre os programas e as políticas para o Ensino Médio, o que nos importa é saber como eles continuam funcionando e produzindo efeitos na construção de verdades para a sociedade, sob condições de possibilidades históricas para a perpetuação de velhos discursos de que a Educação seria Laica, gratuita e para todos, sem efetivamente garantia e vontade política para sua operacionalização.

**Marcelo Correa Pires**  
Campo Grande - MS

Esse livro é fruto de todo o processo de investigação realizado entre os anos 2014 e 2016, é onde os discursos perpassam os sentimentos e afetos de cada entrevistado para a consolidação da dissertação intitulada "A GOVERNAMENTALIDADE NO PROJETO MASTER". Insta salientar que, as vivências e escutas se consolida em um outro volume da investigação que constitui-se no processo de estudo visando avaliar o contexto em que são forjadas as políticas educacionais, em um campo de conflitos e contradições, que extrapolam discussões com atenção apenas nas análises referentes à prática pedagógica em seus limites da instituição escolar, fazendo uma reflexão a partir da ação da governamentalidade, conforme pressuposto metodológico de Michel Foucault, contida na elaboração e implantação do "Projeto Máster", um subprograma do Plano de Ação Pedagógica - "Resgate do Prestígio da Escola Pública" - no Estado de Mato Grosso do Sul, no biênio 1989-1992, no Brasil. As análises a serem realizadas terão sustentação na pesquisa documental e entrevistas realizadas, com egressos que frequentaram a esta instituição escolar. A partir do princípio que a governabilidade sugere o resgate de elementos que compuseram os processos daquela época, requerendo estudar a formação do novo Estado e a pós-divisão, pontuando dentre os artefatos as táticas políticas que fabricaram a escola pública em Mato Grosso do Sul, com a finalidade de apontar que as intervenções políticas no campo educacional, revelam novas táticas e velhos entraves no processo de escolarização, permanentes até os dias atuais, tendo como estratégia a complexa rede de poder que regulamenta a população pelos cálculos e táticas de governo.

